

**CLIPPING**  
**8º VIDEOBRASIL, 1990**

## João Moreira Sales leva o prêmio de melhor vídeo do Fotóptica Festival

Com a divulgação dos vencedores da Mostra Competitiva, terminou ontem a oitava edição do Fotóptica Vídeo Festival, realizado desde o dia 9 no Museu da Imagem e do Som (MIS). O prêmio de melhor vídeo coube ao brasileiro João Moreira Sales por um trabalho de título conceitual: *Poesia é uma ou duas linhas e por trás uma imensa paisagem*.

O júri concedeu menção honrosa à equipe de Olinda da TV Viva, que em 1985 conquistou prêmio do mesmo festival por *Amigo Urso*, produção realizada em Recife. O júri justificou a decisão "pela proposta diferenciada e alternativa de televisão, bem como pela audácia do trabalho da TV Viva, ao mostrar uma realidade que a televisão convencional costuma ignorar". O grupo alternativo faz reportagens criativas sobre decisões governamentais que atingem diretamente o cidadão, repercutindo-as junto ao povo e, depois, exibindo o trabalho em praça pública.

O prêmio estímulo à produção, destinado a realizador brasileiro, foi para Antônio José Queiroga Ferreira por *Cinco ou Seis Partes de um Todo que Juntas Não Formam Nada*. O ganhador receberá condições técnicas para realizar um novo vídeo, como captação de imagens, pós-produção (ilha de edi-



João Moreira Sales: o melhor do festival.

ção, efeitos especiais), sonorização, difusão e exibição do vídeo por um mês na Sala Magnetoscópica, no Rio de Janeiro. A renda dessa exibição reverterá para o autor.

Dois vídeos foram premiados na categoria ficção: *El Circulo Xenetico*, dos argentinos Boy Olni e Luiz Maria Hermida; e *Tahiti*, do uruguaio Pablo Dotta. O prêmio de melhor documentário ficou com os argentinos Marcelo Iacarino e Gonzalo Pampim, que assinam *La Tirola*.

O trabalho *What Do You Think People Thinks Brazil Is?* deu à brasileira Sandra Kogut o prêmio de melhor vídeo-arte. O melhor musical—computer art foi *Night's High Moom and Anti-Terrain*, do australiano Peter Callas. Todos receberam troféus.

O vídeo *Três Antena De-*

*sobstruindo os Canal Todo*, do grupo carioca Três Antena, ganhou a preferência do público, levando o prêmio do júri popular.

O Fotóptica Vídeo Festival só não foi um sucesso em matéria de público. Conseguiu o mais difícil: harmonizar a exibição de vídeos produzidos no rico Primeiro Mundo, através da Mostra Informativa, com a competição, mais equitativa, entre produtores do Terceiro. Mas não atingiu a meta inicial de levar ao MIS público superior a dez mil pessoas nos sete dias de sua realização.

Calculam os organizadores do festival que o público deste ano tenha sido igual ao do ano passado, apesar de o museu ficar aberto o dia todo e não apenas à noite. Estima-se que entre oito e nove mil pessoas estiveram no MIS do dia 9 até ontem.



Sozinha numa cabine com câmara de vídeo, esta mulher exercitou sua livre expressão

## O povo livre no vídeo

A proposta da videomaker Sandra Kogut foi estimulante: ela instalou na rua, em cinco pontos diferentes da cidade, uma cabine de gravação com câmara de vídeo e um microfone, para que qualquer passante pudesse registrar livremente uma mensagem de 30 segundos. Aceitaram a sua proposta 1440 "atores-diretores" anônimos, gerando um material posteriormente selecionado por Sandra, que será exibido de hoje até dia 26 no mezanino da Estação Carioca do Metrô.

A cabine de gravação foi instalada por Sandra no posto 2, Posto 9, Largo da Carioca, Rua Sete de Setembro e Feira de São Cristóvão. O tempo foi a única limitação. Os participantes desfrutaram de total liberdade de texto, movimento e enquadramento, pois a equipe técnica permanecia do lado de fora.

O material obtido (no primeiro semestre deste ano) em nada se parece com as entrevistas e depoimentos que habitualmente são mostrados na televisão, onde a manipulação das imagens e das informações é uma fato cotidiano. A novidade da pro-

posta estava na chance de estar completamente a sós com a câmara, favorecendo rompantes e declarações inusitadas.

Intitulado "Videocabinas", este projeto inclui também a interferência de Sandra nas bordas do vídeo, por meio de computação gráfica, mas sem afetar as figuras humanas. O projeto será uma atração convidada do Festival Internacional do Vídeo Fotóptica, que será inaugurado em 15 de novembro, em São Paulo. No Festival, Sandra Kogut participará também da mostra competitiva, com "What do you think people think Brazil is", que já foi exibido no Festival de Montbeliard, na França, este ano, e será lançado em Nova Iorque pelo DCTV em novembro próximo.

O projeto "Videocabinas" foi viabilizado pela Concorrência Fiat e estará aberto ao público em sessões ininterruptas no Metrô Carioca, de segunda a sábado, de 10 às 20 horas — e também na Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176), de segunda a domingo, das 16 às 21h30min.

F E S T I V A L

# A internacionalização chega ao Videobrasil

*O mais importante festival de vídeo do Brasil troca de nome e abre suas portas para produções estrangeiras. Mas com um detalhe: só podem participar países do Hemisfério Sul*

Rubem Braga

**A** partir deste ano, o mais importante festival de vídeo promovido no Brasil, o Videobrasil, decidiu se internacionalizar e passa a se chamar 89 Festival Internacional Fotóptica de Vídeo.

O festival, patrocinado anualmente em novembro pelo grupo Fotóptica, pôs fim à mostra competitiva nacional e abriu suas portas a produções estrangeiras, mas — coerentes com as limitações nacionais — restringiu a

participação na disputa apenas aos países localizados no Hemisfério Sul. "A ideia é atrair produções em vídeo de regiões como a Oceania, África, Sudeste Asiático e América Latina, que costumam ser mal representadas nos festivais e mercados internacionais, por falta de uma filtragem que as pré-qualifique", diz Solange Oliveira, diretora do Festival Fotóptica. Ela pretende que o Brasil passe a funcionar como essa etapa intermediária, avaliando as produções em vídeo aptas a competir nos grandes festivais.

A internacionalização da mostra competitiva do Festival é mais uma etapa que Solange conquista, depois de ter trazido atrações estrangeiras para a parte não competitiva do Videobrasil 89, quando estiveram no Brasil profissionais do Channel 4 inglês. Solange avisa ainda que o fato de o projeto limitar a competição às produções do Hemisfério Sul não significa que se estejam criando barreiras para as do Hemisfério Norte. As mostras do festival ficarão divididas da seguinte forma: **Mostra Competitiva**

**Hemisfério Sul, Mostra Videobrasil** — não competitiva, um "elo de ligação do Festival com seu passado" — e **Mostra Informativa Internacional**, reservada às produções do Hemisfério Norte. Para essa última, já está aceita a presença em novembro próximo da videomaker americana Kathy Rae Huffman, que comandará um workshop. Diretora do Museu de Arte Moderna de Boston, Huffman foi curadora de uma série de vídeos intitulada *Art for Television*, com 24 horas de duração, de caráter histórico, organizada pelos Museus de Arte Moderna de Amsterdã e Los Angeles, que também será exibida durante o Festival Internacional Fotóptica. Ela contém trabalhos do inglês Peter Grenaway e do sul-coreano



Solange, a organizadora: "Filtragem internacional"

Nam June Paik, entre outros. Está ainda nos planos de Solange trazer quatro artistas para fazer conferências, entre eles possivelmente o papa do vídeo japonês, Yoichiro Kawaguchi.

Solange embarca no próximo dia 30 para uma viagem de dois meses com o objetivo de amarrar contatos em países como Austrália, Israel, Egito e China, incluindo ainda passagens por três festivais europeus. Ela não teme que a internacionalização do Videobrasil possa representar um estreitamento do espaço para as produções nacionais. "Estaremos competindo com países que estão em pé de igualdade com o Brasil". Pensa que, ao contrário, a internacionalização é uma forma de atrair os olhos dos compradores internacionais para o nosso mercado. "Estamos distantes fisicamente e temos que atraí-los, com algum atrativo peculiar. Essa peculiaridade é concentrar aqui a produção que não aparece nos grandes festivais", acredita.

Ficam abelidas as classificações por formato VHS, Súper VHS e U-Matic, consideradas obsoletas. As inscrições estarão abertas a partir do dia 15 de maio na Rua Cônego Eugênio Leite, 920 — tel. 280-4288, até 10 de setembro. Há uma taxa de Cr\$ 250,00 para vídeos de outros Estados e de US\$ 10 para estrangeiros.

# A Fotoptica reprisa os franceses

É a nova oportunidade para ver alguns belíssimos poemas visuais. Godard é destaque, mas a obra de Robert Cahen é das mais cotadas no festival

Ana Francisca Ponzio

Quem ainda não viu os vídeos franceses do festival da Fotoptica, no MIS, tem hoje mais uma oportunidade, com a reprise dos trabalhos de Robert Cahen e Marc Caro, as retrospectivas de Patrick de Geetere e Cathy Wagner, Michel Jaffrenou e Cécile Babiele. Mais ainda, um vídeo do cineasta Jean-Luc Godard deve chamar atenção do público, um trabalho de 89, com 35min de duração, intitulado **Puissance de La Parole**, produção da Gaumont e Ministério das Telecomunicações da França. O próprio diretor faz a narração do vídeo, que tem como tema "as formas da comunicação" e está longe do brilhantismo de outros trabalhos, como a **História do Cinema**, exibido em 88 no FestRio.

Um dos realizadores mais cotados da mostra, Robert Cahen também é compositor premiado por muitas trilhas de vídeos. Contra a idéia de que o vídeo deve ser um espelho da vida, ele acredita que cada obra deve estimular a mais delirante das imaginações, através de cores, beleza, composição, história. É o que ele tenta transmitir em **Juste le Temps**, cujas cenas no interior de um trem mostram um possível reencontro entre um homem e uma mulher. Em câmara lenta, às vezes congeladas, as imagens se contrapõem às tomadas externas: paisagens distorcidas pela velocidade, sugerindo fragmentos de tempo em que tudo pode acontecer dentro dos vagões.

**Dernier Adieu**, outro pequeno poema de Cahen, ao som de Olivier Messiaen, mostra um trabalho fotográfico de Jean-Louis Tingaud sobre o mar. Inspirado em música de John Zorn (do disco **Godard ça vous change?**), **Le Deuxième Jour** interpreta a justaposição de sons da trilha através do passeio de uma mulher oriental pelo mundo. Todos esses curtas são pontuados por trechos da série Cartes Postales — um apelo às lembranças e reflexões despertadas por cartões-postais que, fugazmente, adquirem vida.

Além de Robert Cahen, outra atração é a dupla Patrick de Geetere e Cathy Wagner, com **A Capella**, **I Wanna Be Your Doge** e **De Doute et de Grâce**. O último, com narração da atriz Delphine Seyrig (morta mês passado), foi filmado em Benares e Calcutá: cenas de rituais hindus, com um tratamento de imagem que cria uma dimensão atemporal. De Marc Caro, a Mostra selecionou **Maitre Cube**, **Le Topologue** e **Cinq Conférence** — flas-



Paisagens sonhadas e reais no curta-metragem de Robert Cahen



hes que mostram desde um personagem que encontra variações dele próprio em outras pessoas, até um show de imagens geométricas.

Nos vídeos de Michel Jaffrenou o bom humor é o ponto forte. Monumentos da Paris que se diverte, um personagem com o dom de manipular a eletrônica e, portanto, capaz de cuspir Boeings, fazer chover e engolir uma cidade, além das aventuras de um Ulisses moderno no país das maravilhas (ou seja, o inferno urbano onde vive) são alguns dos temas de Jaffrenou. Para completar, vale se deter no **Coupe de Poince**, de Cécile Babiele, que, em seis minutos e quinze segundos, reúne nove alucinações sobre seres humanos e animais enjaulados.

## SERVIÇO

**Fotoptica Internacional Video Festival.** Destaques de programação de hoje: **Alpente** do programa *da 18 horas* (18hrs), com quatro vídeos de Robert Cahen e três de Marc Caro. **Mostra Informativa França**, às 18 horas (18hrs), com as retrospectivas de Michel Jaffrenou (**Video Fluxus**, **Video Circus**,

**Jim Trucking**, **Magic Tube**, **Incrusant-Station** e **Elyse au Pays des Hervillies**) e Patrick de Geetere/Cathy Wagner (**A Coppella**, **De Doute et de Grâce**, **I Wanna Be Your Doge**). **Mostra Competitiva** às 21h30 e **Puissance de La Parole** de Jean-Luc Godard às 18 horas (18hrs).

ACONTECE NO FERIADO

VÍDEO

# Produtores debatem mercado alternativo à TV

MARIA ESTER MARTINHO

Escreve sobre a música

O vídeo experimental é uma das primeiras manifestações a se resistentir de cortes de verbas públicas para a arte — ação devido à instabilidade econômica ou a puro conservadorismo. Esta foi uma das afirmações feitas pelo produtor inglês Tim Morrison durante o debate "Criação e Mercado Alternativo", realizado ontem, no MIS, dentro do 8º Fotóptica Internacional Vídeo Festival. Participaram do debate, entre outros, o alemão Benjamin Geidensberger, da Van Gogh TV, e Kathy Rae Huffman, curadora de mídia do Institute of Contemporary Arts da Nova Inglaterra.

Segundo Morrison, a situação da produção independente na Inglaterra sofre, ainda, com a retração do Channel 4. "Ainda há espaço para a produção independente; mas o nível alto exigido da emissora estabeleceu um padrão mais conservador", disse. O surgimento do Channel 4 foi, segundo ele, o principal impulso na história de sua produção, a Gorilla Tapes, que até então distribuía seus "scratch-videos" por mala direta para um circuito restrito de curadores. Um dos programas de maior sucesso da produtora, "Invisible Television", produzida para o Channel 4 em 87, coloca Ronald Reagan e Jimmy Carter frente a frente num "game-show" fake, fabricado a partir de discursos para a TV dos dois ex-presidentes dos EUA.

Mais radical, o alemão Benjamin Geidensberger questiona as limitações à liberdade de criação impostas por qualquer forma de patrocínio. Geidensberger é um dos criadores do Media Art Lab, que experimenta com transmissões

## Premiação é hoje no MIS

Da Redação

Acontece às 20h de hoje, no MIS (av. Europa, 158), o encerramento do 8º Fotóptica Internacional Vídeo Festival. Serão premiados os melhores vídeos em competição nas categorias musical, ficção, documentário e vídeo-arte; o melhor vídeo de festival; e o vídeo mais votado pelo público de ontem.

Concorrem 17 vídeos produzidos no Brasil, cinco da Argentina, quatro da Austrália, dois de Moçambique, dois do Chile e dois do Uruguai.

ções ao vivo a partir de uma "abundagem interativa da mídia". Um dos projetos do laboratório, a Van Gogh TV, transmite legal e eventualmente para toda a Europa. O público interfere na programação através de telefone, "picture phone" e computador.

Kathy Rae Huffman defendeu a organização dos produtores como forma de pressão para obtenção de verbas e direitos. Ela citou como exemplo o AIVF (American Independent Video and Filmmakers), que acaba de conseguir US\$ 6 milhões do governo americano para o patrocínio de produções independentes, e US\$ 3 milhões para produções de grupos minoritários. Huffman dirige a Contemporary Arts Television Fund, que produz vídeos experimentais em associação com o Institute of Contemporary Arts da Nova Inglaterra e a WGBH, TV pública de Boston.



Tim Morrison, videomaker e um dos fundadores da produtora independente Gorilla Tapes, foi um dos participantes do debate de ontem.

### FOTÓPTICA VIDEO FESTIVAL

• 18h (no MIS)  
**Videotexto** - Vídeo do Funcionário Sul fora de competição. Programa 1, 2A, 2B, 2C, 2E, 2G, 4A, 4B, 5A, 5B, 5A, 5B

• 20h (no MIS)  
**Encerramento** - Exibição dos vencedores.  
 Oito de, no Museu de Arte e de Arte (av. Europa, 158, tel. 881-0101, horário: sexta, sexta, sábado, domingo).  
 Os programas são exibidos simultaneamente em áudio e vídeo em 16 instalações distribuídas pela TV. Autorizada em frente ao MIS.

ACONTECE

VIDEO/FESTIVAL

# Inglês faz "scratch" e revela segredos da TV

HUMBERTO SACCOMANDI  
Da Redação

O produtor inglês Tim Morrison, 35, que participará hoje da conferência sobre criação e mercado alternativo, é um especialista em "scratch video". Essa técnica consiste na edição, no "colagem" de fragmentos de outros programas, que assumem um sentido diferente do original, revelando a estrutura da imagem. O Festival Fotóptica apresenta hoje vídeos realizados pela sua produtora, a Gorilla Tapes.

A seleção inclui quatro programas de curta e média duração, e um especial de uma hora, "Invisible Television" (1987), feito para o Channel Four. Esse último é composto de diversos quadros, que parodiou os programas de TV noturnos. Para alinhar esses quadros são usadas seqüências de um filme B sobre um homem invisível. Uma das melhores partes é baseada no programa de audiência Stardust, com jogos de pergunta e resposta. Feita a edição, os participantes passam a ser os ex-presidentes americanos Richard Nixon, Jimmy Carter e Ronald Reagan.

"Invisible Television" demora seis meses para ser produzido. A maior dificuldade foi o acesso ao material de arquivo. Parte das imagens foram codadas pela TV Globo. "Não podíamos usar os arquivos da BBC, pois trabalhávamos para o concorrente Channel Four, que não tem arquivos. Nós fomos ao escritório da Globo em Londres e só então descobrimos que era uma das maiores TVs do mundo. Eles acabaram nos fornecendo várias imagens", disse Morrison.

Segundo ele, muitas TVs se recusam a colaborar com vídeos "scratch", alegando que eles ridicularizam os programas citados. "Mas o verdadeiro motivo é que o 'scratch' deconstrói as imagens, revela os segredos da televisão e evidencia que a edição pode fazer uma imagem significar qualquer coisa", afirmou. Essa técnica está ganhando terreno

## Evento discute o mercado

Da Redação

O festival realiza hoje, às 10h, uma conferência sobre criação e mercado alternativo para vídeo. Participam o alemão Benjamin Heiderberg, da Van Gogh TV, os distribuidores Carlos Trilnick, da Argentina, e Fujiko Nakaya, do Japão, os produtores Kathy Kar Hoffmann, dos EUA, Tim Morrison, da Inglaterra, Pierre Bongiovanni, da França, e Paulo Roberto Abranches, do Brasil, e os videomakers Eli Sivadron, de Israel, Elzer Santos e Marcelo Dantas, do Brasil.

Atualmente na publicidade.

Os vídeos da Gorilla fazem parte do boom de programas humorísticos de alta qualidade produzidos pela TV inglesa nos anos 80. Essa evolução gerou desde o grupo Monty Python até os bonecos satíricos da série "Spitting Image". "O humor é uma forma inteligente de fazer as pessoas verem e pensarem questões que normalmente evitariam. Com o humor negro, por exemplo, pode-se tratar de temas angustiantes, como a Aids ou o perigo nuclear", disse Morrison. Mas ele ressalta que o tema preferido é a primeira-ministra Margaret Thatcher.

Esse boom coincidiu com a criação do Channel Four e das televisões comerciais na Inglaterra. Segundo Morrison, o processo de privatização de canais de TV na Europa teve um efeito positivo quanto à renovação da linguagem televisiva. "Mas é necessário que o processo seja regulamentado e controlado, para que as TVs não mergulhem na banalidade", afirmou.



O produtor e realizador inglês Tim Morrison no FTS, onde acontece o 8º Festival Fotóptica de Vídeo.

## Japonês une arte e ciência com computador

Da Redação

Um dos destaques deste 8º Festival Fotóptica foram os trabalhos em computação gráfica de alta definição, em terceira dimensão, do japonês Yoshio Kawaguchi, 38. Ele é um dos mais premiados especialistas nessa técnica, e deu um workshop no último fim-de-semana. Seu grande objetivo é juntar a arte à ciência, "criando uma espécie de Leonardo da Vinci do século 21".

O Festival apresentou dois de seus filmes, "Origin" (1985, 4 minutos) e "Temper" (1989, 5 minutos), que levou um ano para ser completado. Ele espera que a inteligência artificial permita, no futuro, fazer o mesmo trabalho em meses, ou mesmo semanas. Os vídeos de Kawaguchi já foram apresentados no Bienal de Artes de Veneza.

Ele está trabalhando em dois grandes projetos atualmente. Um deles pretende desenvolver uma tela de TV com definição 90 vezes maior do que a das telas normais. "A alta definição permite distinguir claramente as variações de textura dos objetos. Isso tem um impacto enorme em termos de percepção da imagem", disse.

Além disso, ele está preparando um programa que poderá reproduzir perfeitamente o movimento de organismos complexos, como pinos e cardumes de peixes. "Meu objetivo não é reproduzir a realidade. Para isso é mais fácil filmá-la. Quero juntar a realidade e o abstrato. Atualmente, por exemplo, já é possível reproduzir em escultura imagens tridimensionais criadas por computadores", afirmou. Sua pesquisa é apoiada pela NHK, a maior TV do Japão. (HS)

### PROGRAMAÇÃO DE HOJE DO FOTOPTICA INTERNACIONAL VIDEO FESTIVAL

<p><b>18h (ao vivo)</b>  <b>Videotexto</b> - Vídeos do Hemisfério Sul fora do competitivo. Programa 1, 2A, 2B, 2C, 2A, 2C, 2A.</p> <p><b>Conferência</b> - Criação e Mercado Alternativo.</p>	<p><b>Group de Chapeau</b> - "Pulsos de La Perla", de Juan Luis Godard, 20 minutos</p> <p><b>Workshop</b> "Documentário/ Performance", com Marcelo Tin</p>	<p><b>"South Valley Boys"</b>, de Gorilla Tapes, 14 minutos</p> <p><b>"The South in Apartheid"</b>, de Gorilla Tapes, 10 minutos e 30</p> <p><b>"No Pay No Way"</b>, de Gorilla Tapes, 6 minutos e 30</p> <p><b>"Invisible Television"</b>, de Gorilla Tapes, 57 minutos</p>	<p><b>18h (ao vivo)</b>  <b>Programa 2A</b>  <b>MOBIA INFORMATIVA</b>  <b>Videotexto</b></p> <p>Retrospectiva Michel Joffrenou  <b>"Video Flash"</b>, 1 minuto e 8</p> <p><b>"Video Circus"</b>, 10 minutos</p> <p><b>"The Trucking"</b>, 10 minutos</p> <p><b>"Mugh Tuba"</b>, 3 minutos</p> <p><b>"Insect Shorties"</b>, 4 minutos</p> <p><b>"Glyres on Pays des Marveilles"</b>, 10 minutos</p>	<p><b>18h (ao vivo)</b>  <b>Programa 2B</b>  <b>MOBIA INFORMATIVA</b>  <b>Videotexto</b></p> <p>Retrospectiva Patrick de Coester e Carley Regner  <b>"A Capella"</b>, 20 minutos</p> <p><b>"De Aout et de Graze"</b>, de 20 minutos</p> <p><b>"I Wanna Be Your Dog"</b>, de 3 minutos</p> <p><b>Retrospectiva Udoke</b>  <b>"The World of Photography"</b>, de William Wegman e Michael Smith, 24 minutos</p> <p><b>"WON"</b>, de Tony Corwin, 27 minutos</p> <p><b>"Easy Living"</b>, de Chip Lind e Mickey McGowan, 18 minutos</p> <p><b>Inglês</b>  <b>"Granny's In"</b>, de David Sanchez, 20 minutos</p>	<p><b>18h (ao vivo)</b>  <b>Programa 2C</b>  <b>MOBIA INFORMATIVA</b>  <b>Videotexto</b></p> <p>Retrospectiva  <b>"Innocence e Chôcolate"</b>, de Clive Rowland, 12 minutos</p> <p><b>"República de Coradine"</b>, de Pola Ekin e Jorge Pelaez, 20 minutos</p> <p><b>"De Bone Care Home"</b>, de Wences e Billy Schuman, 20 minutos</p> <p><b>Retrospectiva Udoke</b>  <b>"New England (Halloween) Sports"</b>, de Tom Lopez, 12 minutos</p> <p><b>"Cannibal e Split in the Bush"</b>, de Daniel Feren, 12 minutos</p> <p><b>Israel</b>  <b>"Bright in the Point"</b>, de Meir Talbot e Ori Gilon, 11 minutos</p> <p><b>"The Soldier"</b>, de Assilam Schulberger, 10 minutos</p> <p><b>Programa 2</b>  <b>"The Sun is Sober"</b>, de Marc Anghelut e Jon Trignon, 20 minutos</p> <p><b>"Introduction To The End of an Argument"</b>, de Eli Sulimani e Jagan Sulimani, 45 minutos</p>	<p><b>18h (ao vivo)</b>  <b>Programa 2D</b>  <b>MOBIA INFORMATIVA</b>  <b>Videotexto</b></p> <p>Retrospectiva  <b>"Outras Passadinhos"</b>, de Sergio Rosenthal e Paulo Van Passer, 12 minutos</p> <p><b>"L'Homme de Paille Jorge Sadrin"</b>, de Sergio Sadrin, 6 minutos</p> <p><b>"Tender"</b>, de Clive Taylor, 10 minutos</p> <p><b>Retrospectiva Udoke</b>  <b>"Buller's Pet"</b>, de Antonio Cano, 28 minutos</p> <p><b>"Rocanda"</b>, de Antonio Cano, 14 minutos</p> <p><b>"B.C."</b>, de Antonio Cano, 15 minutos</p> <p><b>"De Si D'Israel"</b>, de Antonio Cano, 8 minutos</p> <p><b>Almanack</b>  <b>"Time Code 2"</b></p>
---	--	--	--	---	--	---

Para saber os locais de projeção e de venda dos vídeos, consulte o FTS, onde acontece o festival. O programa de vídeo será disponibilizado em múltiplos canais de distribuição realizados pela TV Ilustrada em parceria com a FTS.

# A sátira feita com imagens alheias

Os vídeos do grupo inglês Gorilla Tapes utilizam o material de arquivo da televisão para recriar a realidade dentro de uma embalagem bem humorada

Marcelo Dantas

Especial para o Estado

O Fotóptica International Video Festival, que se realiza no Museu da Imagem e do Som (MIS) até quinta-feira, reprisa hoje os trabalhos do grupo Gorilla Tapes, que desenvolveu um estilo muito particular chamado scratch vídeo — mistura de imagens de arquivos de notícias, velhos filmes, graphicvideo, bom humor e um conteúdo visual elaborado, para criar uma sátira da televisão e evidenciar a manipulação da informação pela mídia. Seus programas são exibidos na Inglaterra pelo Channel Four e BBC e alcançaram um nível de popularidade alto para o gênero. Tim Morrison, um dos quatro fundadores do grupo inglês Gorilla Tapes, está em São Paulo a convite do festival. Nesta entrevista ao Caderno 2 Morrison fala sobre seu trabalho.

**Caderno 2 — O que é scratch vídeo?**

**Tim Morrison —** É um nome que ficou preso ao formato do nosso trabalho. São vídeos feitos a partir do reaproveitamento de outras imagens, fotos, arquivos, coisas feitas por outros. Pegamos esse material e mudamos as histórias. É a desconstrução da televisão.

**Caderno 2 — E a Gorilla Tapes, como nasceu?**

**Morrison —** Somos quatro sócios e começamos como um grupo underground que gravava vídeos e fazia coberturas de grandes eventos e notícias. Editávamos esse material na forma de scratch vídeo. Em suma, é um grupo de criação.

**Caderno 2 — Em que contexto esses vídeos foram produzidos inicialmente?**

**Morrison —** Pretendíamos no começo fazer um comentário sobre a TV e a videoarte. A ideia era entreter as pessoas, como a nós mesmos, por isso buscamos uma forma popular e bem-humorada. Produzimos esses vídeos em uma situação marginal ao mercado, tanto que as fitas eram gravadas e distribuídas gratuitamente. Desse modo, as fitas se espalharam pela Inglaterra e começamos a nos tornar populares. Trabalhamos assim até o dia em



Tim Morrison: "Somos realizadores e não artistas"



Thatcher: os Gorillas miram na pompa

que o Channel Four nos chamou com um convite para que mostrássemos nosso trabalho na TV. O problema é que não podíamos fazer isso, porque esbarrávamos no problema de direitos autorais do material de arquivo e outros. Todo o nosso material era de certo modo pirata. Começamos a enfrentar a dificuldade de conseguir a liberação de

todo o material que antes usávamos livremente. Finalmente conseguimos os direitos para dois deles...

**Caderno 2 — Você se classifica como um videoartista?**

**Morrison —** Não. Acho que nenhum de nós do Gorilla se considera assim. Somos realizadores, produtores, videomakers, mas não artistas.

**Caderno 2 — Que tipo de público vocês buscam alcançar?**

**Morrison —** Um público o mais amplo e popular possível. Usamos a sátira para desmistificar a pompa de pessoas bem conhecidas do público em geral. Buscamos atrair as pessoas que cresceram com a TV. Eu acho que o sucesso de nossos programas se deve muito ao fato de o público ter a chance de ver como a TV é construída e como pode ser facilmente manipulada.

**Caderno 2 — Pode haver autoria num programa que se apropria de imagens alheias?**

**Morrison —** Sem dúvida. É um fato que a indústria cultural já assimilou, isso. Hoje, boa parte dela vive da recombinação de ideias e imagens. Estamos recriando a realidade, os fatos, portanto, criando-a.

Fotóptica International Video Festival. Desaparece de hoje: crítica de James H. Burton e Lindero. Criticagem (Origine e Tempore) do Dr. Dr. Em seguida: 10

exibida da Gorilla Tapes Double Valley Days, TFI Death to Apartheid, Lo Puy no Way, Invaluable Television. A 250,00. Tudo, Jornal e Mostra Computar

# DE VIDEOMANÍACOS A CRIANÇAS, UM EVENTO PARA TODA A FAMÍLIA. NO MIS.

Em sua oitava edição, o festival Internacional de Vídeo da Fotóptica abre com pouco público, mas a qualidade dos trabalhos compensa.

"Os dois primeiros dias da 8ª edição do Fotóptica Internacional Vídeo Festival, iniciado na última sexta-feira, contou com um público composto basicamente de atores, diretores, publicitários e músicos, muitos com suas famílias, que ficou bem abaixo do que se esperava. Sendo assim que o pequeno espaço do MIS (Museu da Imagem e do Som) se tornasse espremido, com muitas salas vazias. Mas se o público foi pequeno, muitos dos que lá estavam não perderiam a oportunidade de ver os trabalhos por razão nenhuma, como o jornalista Marcos Barreto, que veio de Belo Horizonte especialmente para o festival. "Eu quero saber o que está acontecendo. Em Belo Horizonte nós não temos acesso a essas informações".

"Um problema nas máquinas de vídeo (queimaram duas) atrasou a programação em uma hora e meia, fazendo com que algumas pessoas reclamassera. Segundo a organizadora do festival, Solange Oliveira, os primeiros dias são sempre de acerto e em relação ao público contentou que era formado por gente interessada, e isso é o que

importava.

Com a família à tira-cólo, o produtor de vídeo Geraldo Anhaia não escondia a sua ansiedade. Concorrendo com o vídeo *Pisaroteca de Medellín*, último de sua trilogia que começou em 78 sobre o consumo de álcool, em 85 sobre a maconha e agora sobre a cocaína, disse não ter pretensões de ganhar qualquer prêmio, por ser seu trabalho uma brincadeira de baixo custo, cerca de 20 mil dólares. Quanto ao festival, Anhaia garantiu que nunca foi tão bom. "Antes eram as mesmas pessoas que participavam; era como uma escalada para chegar na Globo. Agora ele é internacional, o que é genial, é um movimento muito grande, não somos mais os admiradores do próprio umbigo".

O jurado Carlos Trilnick, da Argentina, comentou ser muito difícil falar em ganhadores, mas disse que gostou muito do *Videocables São Caixas Pretas*, da carioca Sandra Kogut. Trilnick vai levar 40 vídeos brasileiros para um festival em Buenos Aires, evento que já está em sua segunda edição. Trilnick torce pelo argentino *La Tibulesa*, de

Marcelo Iaccarino e Gonzal Pampin.

Outro sem grandes pretensões é Mauro Giuntini, de Brasília, em relação a seu vídeo *Ira síncrona*, um documentário que ele chama de experimental. Mauro considera qualquer tipo de trabalho válido, e não espera ganhar nenhum prêmio. "Ache ótimo ter sido selecionado e isso já conta para mim; o importante é que todo mundo mostre o que está fazendo".

Já o diretor Antonio Cano que participa da Mostra Informativa, pela Espanha, afirmou estar muito nervoso com o que as pessoas iriam pensar sobre seu vídeo. "O objetivo definitivo do meu trabalho é a opinião das pessoas; o sentimento dos brasileiros tem muita relação com o que eu faço, são trabalhos curtos e por isso acho que os brasileiros vão gostar".

O festival prossegue até a próxima quinta, com programações que vão desde workshops até palestras, envolvendo diversos países. Os vídeos que participam da mostra competitiva estão sendo exibidos diariamente às 21h30. O MIS fica na avenida Europa, 154.



Geraldo Anhaia, autor do vídeo *Pisaroteca de Medellín*, satisfeito com o caráter internacional do evento, diz que não espera prêmios.

VÍDEO/Mostra

## Estação no inferno de TV Dante

*A adaptação que Peter Greenaway fez de sete cantos de O Inferno, de Dante, é o principal destaque da Mostra da Fotóptica, que também traz vídeo de Laurie Anderson, hoje à tarde, no MIS*

Eduardo Bueno

Depois dos horrores canibalísticos de **O Cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante**, seria lícito esperar que a descida ao inferno que Peter Greenaway realizou em seu **TV Dante** (em cartaz hoje às 19hs45min na Mostra Internacional de Vídeo da Fotóptica) fosse muito mais selvagem, escatológica e impiedosa do que de fato é. O "clipe intelectual" de 77 minutos que Greenaway dirigiu em conjunto com o pintor Tom Phillips - produzido e levado ao ar pelo Chanel 4 britânico - por certo é ousado e perturbador, mas ao mesmo tempo é também muito mais comportado, didático e reverente do que se poderia supor.

O que Greenaway e Phillips fizeram, na verdade, foi uma espécie de **O Inferno** anotado. No trabalho refulgem todas as obsessões típicas da obra de Greenaway: o fascínio pela numerologia (compartilhado pelo próprio Dante), a reprodução quase virtual de qua-

droso famosos (Greenaway, como Phillips, também é pintor), o mergulho profundo na demência, na luxúria e na insensatez humanas, etc. A Fotóptica apresenta hoje os sete primeiros cantos dos oito já filmados (na **Divina Comédia, O Inferno** tem 33 cantos e Greenaway e Phillips pretendem filmar todos, agora que abandonaram a idéia de adaptarem também os 33 cantos do **Purgatório** e os 33 do **Paraíso** que, com o Canto de Abertura, completam a obra).

Em **TV Dante**, cada um dos oito cantos tem exatos 11 minutos. Greenaway considera o vídeo como o futuro inevitável da comunicação visual e - com dezenas de efeitos de low e high tech, computação gráfica e recursos visuais altamente criativos - ele põe em prática sua idéia de futuro.

No livro, a descida de Dante ao inferno leva 36 horas. A de Greenaway e Phillips é mais rápida, já que os condenados à danação eterna chegam de elevador à porta na qual se lê: "Aqueles que aqui penetram devem abandonar qualquer esperança". É uma jornada amedrontadora - e irremediável. O texto de Dante, em tradução livre, é lido em off - com voz solene e aterradora - pelo próprio Tom Phillips. O ator Bob Peck é Dante, com a expressão tão atônita quanto se pode imaginar. Virgílio, que o conduz pelos sete círculos do inferno, é o esplêndido John Gielgud.

As justaposições, fusões e imagens hightech das



### SERVIÇO

■ **Mostra Internacional de Vídeo da Fotóptica** — Hoje, terceiro dia de exibições: às 14h30, reprise do programa de ontem. Às 18 horas, **Mostra Espanhola**. Às 18h45, **What You Mean We?**, de Laurie Anderson. Às 19h45, **TV Dante**, de Peter Greenaway. Às 21h30, início da **Mostra Competitiva**. No MIS, Avenida Europa, nº 158, Jardins. Tel. 852-9197. Entrada franca.

■ **O pesadelo refrigerado: os condenados chegam ao inferno de elevador, em TV Dante**

Anderson dirigiu em 1989 e que a Mostra da Fotóptica também apresenta hoje, às 18hs45min. São 20 minutos de um clipe em alta definição e baixa reflexão. É provável que **What You Mean We?** não queira dizer rigorosamente nada — mas o faz com muito talento. Há imagens belíssimas (Laurie filmada por trás de um aquário, o anão que contracenava com ela filmado com grande angular em um banheiro minúsculo, uma lançonete refulgindo em néon) e cinco canções de Anderson, entre as quais **Smoke Rings** e **Angels and the Machine**, que asseguram a qualidade de um trabalho repleto de leveza, descompromisso e sutileza.

chamas do inferno, o visual surreal da migração de pássaros (como metáfora do voo das almas danadas no quinto dos infernos), o galope dos galgos, o bote dos leões e o rosnar dos colotes se misturam ao depoimento semi-irônico, semi-documental de cosmólogos, historiadores, psicólogos, entomólogos, ornitólogos, teólogos e astrônomos que funcionam como uma espécie de "notas de pé de página" ao texto danresco e às imagens sombrias e perturbadoras de Greenaway e Phillips.

Há muito mais leveza e suavidade em **What You Mean We?**, a brincadeira desprezenciosa que Laurie

# COMEÇA O FOTÓPTICA VÍDEO FESTIVAL, COM STATUS INTERNACIONAL.

Além da Mostra Competitiva, atrações extras na Mostra Informativa, no Video Brasil e nos workshops de videomakers do Exterior.

A oitava edição do Fotóptica Video Festival começa hoje no Museu da Imagem e do Som (MIS) com status internacional e uma seleção de vídeos representativa da produção de vários países. Além da Mostra Competitiva (veja quadro), com exibições diárias às 21h30 até a entrega de prêmios, na quinta-feira que vem, o Fotóptica Video Festival tem outras atrações.

Na Mostra Informativa estão representados dez países. Hoje, a partir das 19h30, serão exibidos vídeos da Inglaterra e França. Amanhã, começando às 18h, vídeos de Israel, França, EUA, Polônia, Espanha, Cuba, Alemanha e Bélgica. Os videomakers brasileiros serão representados na Mostra Video Brasil, com agenda a partir de domingo, às 20h.

Paralelamente, serão realizados quatro workshops, voltados exclusivamente a profissionais da área. Sábado, às 9h, o japonês Yoshiro Kawaguchi dá uma aula de computação gráfica de alta definição na produtora Frame. Os demais workshops acontecerão todos no MIS, a partir das 14h. Segunda-feira, o francês Dominik Barbier falará sobre seu processo criativo em matéria de vídeo-instalação. Terça-feira, o inglês Tim Morrison explica o que é o scratch video, desenvolvido pelo Gorilla's Tape, de Londres. E na quarta-feira, fechando o ciclo, Marcelo Tas, único brasileiro escolhido para dar workshop, desenvolve um trabalho sobre documentário e performance.

Foram programadas, ainda, três grandes conferências, sem-

A australiana Cathy Vogan, no foto com Gianni Toffi, (do lado) com o nome com Electronic Kama Sutra.



pre a partir das 10 da manhã. Segunda-feira, sobre Tecnologia e Vídeo-Arte; terça-feira, sobre Televisão e Produção Independente; e na quarta, a respeito de Criação e Mercado Alternativo. Participam representantes brasileiros, da Europa, EUA, outros países da América do Sul e Ásia.

Já a partir de hoje o público também poderá visitar as quatro vídeo-instalações montadas pelo festival a do francês Dominik Barbier, intitulada *The so way huster*, a do alemão Marcel Odenbach e as dos brasileiros Sandra Kogut (Rio) e Tadeu Jungue (SP). O MIS fica na avenida Europa, 158.

## A programação da mostra competitiva

Seis vídeos abrem hoje a Mostra Competitiva, que prossegue até quarta-feira que vem, sempre às 21h30 no MIS.

- O Poeta do Cruzeiro (Brasil/Ficção) — Claudio Barroca/Nilton Pereira — 19'45"
- Um Vídeo da Lata (Brasil/Musical) sobre música do Moleque de Rua — Daniel Brazil — 7'30"
- Videocabinas São Colares Pretas (Brasil/Video-art) — Sandra Kogut — 9'38"
- IV Edes (Argentina/Ficção) — Esteban Sagor — 8'
- Neo Ocas An American Purchase (Austrália/Video-art) — Peter Colias — 9'17"
- As Crianças de Uruguena (Moçambique/Documentário) — Rodrigo Gonçalves — 25'
- Tahiti (Uruguai/Ficção) — Pablo Doria — 38'
- Deus Não se Foi no Brasil (Brasil/Musical) — Inácio Zotti/Arnaldo Galvão — 5'30"
- Mama Era Punk (Uruguai/Ficção) — Guillermo Casanova — 34'
- Cinco ou Seis Portas de Um Tecto Que Juntos Não Formam Nada (Brasil/Video-art) — Antonio José Queiroga Ferreira — 16'
- Um Olhar Sobre Barcelona (Brasil/Documentário) — Helvécio Ratto — 25'

## Videomaker, um batalhador de má fama.



Sandra Kogut mostra suas Videocabinas, instalação que fez sucesso no metrô do Rio.

Videomaker no Brasil é aquela pessoa que tem fama de vagabundo (como disse o grupo Casaca e Planeta em uma de suas músicas) e faz de tudo para chamar a atenção — desde montar uma instalação no Metrô até ganhar repelidos para fazer uma "homenagem pós-tuma". Mas no Brasil existe uma safra de novos videomakers que não são exatamente como imagina o senso comum. Batalham em busca de novos espaços, novas plataformas, pesquisam linguagens e, principalmente, correm atrás de festivais, tentando "vender" seu trabalho. Como o Festival Fotóptica, que começa hoje, no Museu da Imagem e do Som.

Com pouco mais de 10 anos de existência, somente agora é que o mercado de vídeo começa a crescer. Mas ainda há poucos espaços de exibição, como o MIS e a Academia Brasileira de Vídeo, em São Paulo, e a sala Magnetoscópio, no Rio (única com equipamento profissional e que paga direitos autorais). Marcelo Dantas, da sala Magnetoscópio, diz que a cada momento sente que o vídeo atinge um público maior, o que chama de uma interação natural. "Na minha sala tenho desde crianças até senhoras que participam da nossa programação". Programação que tem como alguns troncos os direitos de exibição no Brasil (em circuito fechado) de trabalhos de Nam June Paik, o papa da vídeo-arte.

Ele garante que o Festival Fotóptica de Vídeo é importante para o momento atual. "É impressionante a força que isso tem, existe sempre uma nova geração entrando em cena. O papel do festival é apresentar mu-

tos conhecimentos, exibir coisas novas, expor nossos trabalhos num âmbito mais largo, é um trabalho árduo, de longo prazo", diz.

### Público diverso

No festival do ano passado o MIS recebeu aproximadamente 10 mil pessoas, um público significativo (levando-se em conta que a sala Magnetoscópio, por exemplo, não comporta mais que 100 pessoas por sessão). Sandra Kogut, que participou com uma instalação na edição anterior, agora colocará suas videocabinas no MIS, certa de que existe vídeo para qualquer tipo de público. Sua instalação atual, por exemplo, montada recentemente em uma das estações do metrô carioca, alcança platéias bem distintas. Sandra se diz interessada na pesquisa de novas linguagens, mas não qualifica os seus vídeos como experimentais. "É sempre complicado dar qualificação, um vídeo musical pode ser experimental", explica.

Experimental poder ser defi-

nido como aquele trabalho que os produtores fazem sem se preocupar muito com o que os outros acham. O mineiro Éder Santos, que está concorrendo no Festival, com o vídeo *Não vou à África porque tenho planície*, é um dos que fazem um respeitado trabalho de vídeo-arte no Brasil, com sua produtora Emvídeo. Mas ele conta que certa vez mostrou uns de seus trabalhos para o diretor de TV Roberto Talma, da Globo, e foi descartado no ato, pois o diretor achou seu trabalho muito radical.

Apesar disso, Éder conseguiu vender vários de seus trabalhos (mostrados em festivais anteriores) para países como EUA, França e Inglaterra, e ainda apresentou vários vídeos no programa *Vanguarda*, da TV Bandeirantes, que era dirigido pelo também produtor Renato Barbieri. Para Barbieri, "um mesmo circuito de festivais são portas para a televisão, mas para se ter um retorno econômico teria de haver muitas salas de vídeo", diz.

Quando ao público, ele acha crescente, mas difícil de se traçar um perfil. "É um público muito variável, são músicos, artistas plásticos, psicólogos, estudantes de comunicação, de nível universitário, de um modo geral. Como é uma linguagem nova, alguns ainda estão se "ligando", procurando, buscando descobertas".

Para Marcelo Machado, do Olhar Eletrônico, existe um público específico que assiste a vídeos no Brasil. "Gente com vínculos com a vanguarda, as artes, que já tem uma expectativa mais ampla, um amadurecimento, se não ficariam na televisão".

Marcelo diz que o vídeo está mais voltado para uma filosofia de experimentação. No Olhar Eletrônico, ele trabalha com várias formas de vídeo, tanto de linguagem experimental, como documentários e de mercados empresarial e industrial, além de dirigir comerciais. "Quando faço um vídeo experimental, especialmente possibilidades um pouco fora do natural, é a maneira como vejo o mundo".

### Solange Viana

Procurando de Medellín (Brasil/Video-art) — Geraldo Antônio Mello — 4'44"

3 Antena Desativando O Canal Tudo (Brasil) — J. Antena — 9'

Último Vuelo (Argentina/Ficção) — Diego M. Iacocca — 4'40"

Poesia é Uma ou Duas Linhas e Por Trás Uma Imensa Paisagem (Brasil/Video-art) — João Moreira Salles — 9'

Son Of Romeo (Austrália/Ficção) — Richard Jasek/Chris Wilens — 53'

Brasiloscópico (Brasil/Documentário) — Mauro Givanti — 16'

Electronik Kama Sutra (Austrália/Video-art) — Cathy Vogan — 3'30"

O Inglês Que o Brasil Vê (Brasil/Documentário) — Sergio Stragio — 7'

La Troless (Argentina/Documentário) — Marcela Iacocca/Gonzalo Pampin — 6'

Deus Come-se (Brasil/Video-art) — Luiz Dova — 9'53"

La Memoire Du Ciel (Chile/Video-art) — Francisco Iñiguez — 10'

What Do You Think People Think Brazil Is? (Brasil/Video-art) — Sandra Kogut — 5'30"

Burguês (Brasil/Musical) sobre música de Cazuza — Ana Azeiteiro — 5'23"

A Colheita do Diabo (Moçambique/Ficção) — Lúcio Azevedo/Brighte Bagel — 52'

Não Vou à África Porque Tenho Planície (Brasil/Video-art) — Éder Santos — 8'

El Saco (Argentina/Video-art) — Mario Gomes Moreno — 10'

A Sanguie Fria (Brasil/Documentário) — Eduardo Hamon — 15'30"

El Jardín Del Amor (Chile/Video-art) — Gemma Bole — 4'

Night's High Noon An Anti-Terrain (Austrália/Video-art) — Peter Colias 7'26"

Eu Vi (Brasil/Musical) — Marco de Carvalho/Anna Maykari 4'

El Circolo Xenofico (Argentina/Ficção) — Boy Oñi/Luz María Heredia — 22'



# ilustrada

Quarta-feira, 7 de novembro de 1990 E-1

FOLHA DE SÃO PAULO

## Fotoptica internacionaliza mostra de vídeo

ANTÔNIO GONÇALVES FILHO  
Da Reportagem Local

**FOTOPTICA INTERNATIONAL VIDEO FESTIVAL** - Primeira edição internacional e única nacional do Festival Fotóptico de Vídeo, sediado de 7 a 14 de novembro, a partir das 18h30, no Museu de Arte e de São Paulo, Rua 138, nº 812-8107, jardins entre rua de São Paulo, Escola Nova. De 12 a 14 de novembro, conferências e workshops (o workshop de Fátima Rangel, com 140 \$700 e o de dança com 30 \$700).

Peter Greenaway desce ao terceiro círculo do inferno para encontrar Dante. Godard aceita gravar um comercial e acaba com o mundo das telecomunicações. Laurie Anderson larga o violino e se envolve com clones que se multiplicam como coelhos. Além desses três peraltas do vídeo, Robert Cahen e Zbigniew Rybczynski são alguns dos realizadores representados na primeira edição internacional do Festival Fotóptico de Vídeo, a partir desta sexta-feira. Ele já se chamou Videobrasil e hoje se apresenta como uma vitrine transnacional com mais de uma centena de trabalhos, entre eles a polêmica série "TV Dams", de Greenaway, e a "stravagante" francesa "L'Orchestra", de Rybczynski ("Zbig").

Entre a série de Greenaway para "A Divina Comédia" e o equivalente pós-moderno de "Fantasia" dirigido por Zbig, o festival tem, pela primeira vez, vídeos de países do Hemisfério Sul concorrendo com os brasileiros na mostra competitiva. São 32 vídeos selecionados entre duas centenas de trabalhos realizados por "videomakers" da Argentina, Austrália, Brasil, Chile, Marrocos e Uruguai. Há desde obras de ficção, como "Último Vuelo", do argentino Diego Lascano, até uma homenagem à poeta Ana Cristina César feita por João Moreira Salles.

Na mostra informativa, as retroprojeções de Robert Cahen e

Michel Jaffrenou devem ocupar boa parte do tempo de quem está aqui não apenas de tecnologia, mas busca temas de vida intelectual no vídeo. Os "videoflashes" de Jaffrenou são poéticas e engraçadas "intermezzi" humorísticos que transformam aparelhos de televisão em aquários, gaiolas e outros objetos da "irrealidade" cotidiana, brincando com a estética de June Pak. Dele é também o engraçadíssimo "Ulisses au Pays des Merveilles" (1987), um curta de dez minutos em que a odisséia homérica se transfere para a França atual. Ulisses é um motorista de



Cena do vídeo "Último Vuelo", do argentino Diego Lascano, que integra a mostra competitiva da Fotoptica e conta a história de um piloto diante do pelotão de fuzilamento

táxi que reclama de pedestres como o missionário Adão carregando o globo— "eles demoram um tempo para atravessar a rua"— e atropela distúrbios cíclopes pelo casamento, até descobrir que Penélope não faz apenas tapetes na sua subsúbia.

Robert Cahen faz outra lista. Compositor, ele tem uma série chamada "Cartes Postales" (o festival mostra excertos dela) que funciona como o contraponto sério dos "videoflashes" de Jaffrenou. Postais de várias cidades do globo adquirem vida e revelam detalhes do cotidiano que se

transformam em poesia pela movimentação de uma ou duas figuras da cena. O mais lírico mostra o mar de Argel visto da Casbah por uma mulher bebera que abusa o laço, seguido de uma vista da praia dos Mártires, em que a imagem de uma estação de trem é acompanhada, na trilha sonora, pelo apito de um navio. A conjunção de elementos aparentemente díspares é sua marca registrada, o que pode ser observada em outro vídeo, "Le Deserteur Jour", com música de John Zorn (do disco "Godard, Ça Vous Change?"), rodado em No-

va York [leia texto na contracapa deste caderno].

A França é o país melhor representado no festival. Além da presença de Godard e Cahen, o festival programou uma retrospectiva exemplar da dupla Patrick de Gueure e Cathy Wagner, que está comemorando dez anos de vídeo com produções como "De Doute et de Grâce" (Da Dúvida e da Graça, 1989). A narração desse vídeo, adaptado de "The City of Blood", de Naggar, é da atriz Delphine Seyrig, morta no mês passado. A estréia de "O Ano Passado em Marienbad" com-

panha a trajetória religiosa e cultural de um povo através de Benares e Calcutá, evitando transformar as imagens em suporte banal para a defesa de uma tese. No caso, a da construção de um ritual mítico através da repetição de gestos.

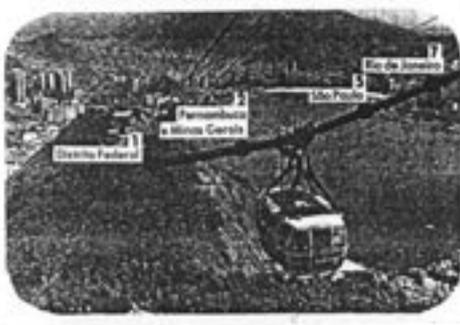
Israel comparece com alguns vídeos independentes e debochados como "Sachal Hussein", dirigido por Arik Dor Davidovitch quando estourou a crise no Golfo Pérsico, há exatos 97 dias. Bahistas dançam ao som alucinado de um rap composto por Mark Shulian, enquanto são apresenta-

dores de televisão, não meios pirado, balança suas tranças com míssis voando para todo lado. Igualmente polêmico é o vídeo "Hiroshima Through Auschwitz", de Hani Harnagel, um pesadelo espantoso que toma emprestado personagens da peça "Quarantaine", do grupo teatral belga Plan K, e faz uma representação estilizada do holocausto com guitarra distorcida e piano dissonante. Dou exemplos de como Israel foge à censura governamental de sua televisão.

**LEIA MAIS**  
Folha de São Paulo, página 2, página 2, 11

### INDIFOLHA

#### CARIOCAS CONCORREM COM SETE VÍDEOS



FOTOPTICA INTERNATIONAL VIDEO FESTIVAL			
<p><b>Mostra Competitiva</b></p> <p>7</p> <p>8</p> <p>9</p> <p>10</p> <p>11</p> <p>12</p> <p>13</p> <p>14</p>	<p><b>Sábado</b></p> <p>"Pescadores de Madelin" - Brasil. Direção: Gerardo Arêvalo Mello</p> <p>"3 Ardeus: Desobediência ao Canal Taboá" - Brasil. Produção: 3 Ardeus</p> <p>"Último Vuelo" - Argentina. Direção: Diego M. Lascano</p> <p>"Poeta é uma ou Duas Linhas e por trás de uma Inanês Paisagem" - Brasil</p> <p>"Sun of Buenos" - Austrália. Direção: Richard Joseph e Chris Williams</p> <p><b>Domingo</b></p> <p>"Bricolage" - Brasil. Direção: Mauro Guarniti</p> <p>"Electronik Kanto Sutra" - Austrália. Direção: Cathy Trigg</p> <p>"O Inglês que o Brasil é" - Brasil. Direção: Sérgio Diniz</p>	<p>"Le Tirésias" - Brasil. Direção: Marcelo Iacovino e Gonzalo Pampin</p> <p>"Deus Come-se" - Brasil. Direção: Luis Dons</p> <p>"Tahiti" - Uruguai. Direção: Pablo Dorio</p> <p><b>Segunda-feira (dia 12)</b></p> <p>"Deus Não vai ao Brasil" - Brasil. Direção: Indilo Zata e A. Colloso</p> <p>"Mama era Punk" - Uruguai. Direção: Guilherme Casanova</p> <p>"Coco ou São Paulo de um Tado que Junta não Harmonizado" - Brasil</p> <p>"Um Olhar Sobre Barcelona" - Brasil. Direção: Hélio Rorice</p> <p><b>Terça-feira (dia 13)</b></p> <p>"La Memoria de Ciel" - Chile. Direção: Francisco Fobrega</p> <p>"What do You Think People Think Brazil is?" - Brasil. Direção: S. Kogut</p>	<p>"Burguês" - Brasil. Direção: Ana Arantes</p> <p>"A Calçada do Diabo" - Marrocos. Direção: Luciano Azevedo e S. Boguel</p> <p><b>Quarta-feira (dia 14)</b></p> <p>"Nô Vou à África porque tenho Plântia" - Brasil. Direção: Sô Santos</p> <p>"El Saca" - Brasil. Direção: Mário Gomes Moreno</p> <p>"A Sangue Frio" - Brasil. Direção: Eduardo Roman</p> <p>"El Jardín del Amor" - Chile. Direção: German Balbo</p> <p>"Night &amp; High Noon: An Anti-Terrain" - Austrália. Direção: Peter Colton</p> <p>"Tu Vi" - Brasil. Direção: Marco de Carvalho e Arno Luiz Muelbert</p> <p>"El Circo Karamita" - Argentina. Direção: Ray Olivi e Mario Hernandez</p>



MOSTRA COMPETITIVA

# Festival reúne vídeos do Hemisfério Sul

Começa nesta sexta-feira, no MIS, o maior festival do gênero no País, com produções realizadas no Brasil, Austrália, Argentina, Moçambique, Uruguai e Chile

Rodrigo Arco e Flessa

Provocativa. Esta é a melhor definição para a oitava edição do maior festival de vídeo do País, o *Fotofestiva Internacional Vídeo Festival, ex-VídeoBrasil*, que começa nesta sexta-feira, no Museu da Imagem e do Som (MIS). Anual, após sua integração no circuito internacional de festivais de vídeo, este tradicional evento abre pela primeira vez sua "mostra competitiva" para países de todo o Hemisfério Sul (Brasil, Austrália, Argentina, Moçambique, Uruguai e Chile), num total de 32 trabalhos selecionados, com o objetivo de abrir e provocar os olhos dos mercados da Europa e EUA para a linguagem e o vigor do vídeo independente nestes países — onde a experimentação de formas e conteúdos é a

marca mais presente.

Por sua vez, a "mostra informativa" do *Fotofestiva Vídeo Festival*, traz um significativo conjunto das produções mais inovadoras de dois países (os EUA e nove europeus), além dos trabalhos da Escola Internacional de Cine e TV de Havana. Com isto São Paulo fará um *studévil*, e necessário, interclínico com obras inéditas que apontam para os ramos do vídeo mundialmente, entre elas, as realizações do japonês Yôichiro Kawaguchi e as experiências em vídeo dos cineastas Peter Greenaway e Jean-Luc Godard.

Para completar esta feita programática, o festival ainda apresentará um ciclo de conferências, workshops e quatro videossessões. Para os debates, onde serão discutidas temas como a arte do

vídeo ou as possibilidades do mercado, estão convidadas nomes como Jean-Marie Durand (do Canal Plus francês), Kathy Rae Huffman (da Cai Foundation, dos EUA), ou Tim Morrison (da Girilla Tapes inglesa). Já as videoinstalações — esculturas montadas em torres de aparções de videocassete — exibirão atrações como a superprodução do francês Dominik Barbier, *Tar no way better project*, com cinco torres de 5 metros de altura, a instalação em três canais de alemão ocidental Marcel Odenbach, e os trabalhos dos brasileiros Tadeu Jungles (com suas *Videovisiones*, inspiradas na personagem de Oswald de Andrade) e Sandra Kougi com *ap5Pq2*.

O custo deste festival foi orçado em 300 mil dólares, um investimento coberto praticamente em



Solange, organizadora do festival

sa integridade pela Fotofestiva. Por sua vez, os Ministérios das Relações Exteriores dos governos da França, Inglaterra e Israel contribuíram para a vinda de seus artistas e instalação de suas obras.

Sul e Norte

A ampliação do *Fotofestiva Vídeo Festival* para participações estrangeiras, em especial ao do Cone Sul do mundo em sua "mostra competitiva", surgiu como uma consequência dos resultados que o evento acumulou ao longo destes oito anos. Segundo a jornalista Solange Oliveira, criadora e organizadora do festival, "ele foi elaborado de início como o *VídeoBrasil*, uma mostra voltada para o surgimento do vídeo independente no País, e que desta maneira procura incentivar o seu desenvolvimento". Com o passar do tempo esta produção começou a amadurecer, e, embora a televisão brasileira absorva ainda pouco destes trabalhos, nomes nacionais como o de Marcelo Tinis (que criou a figura do repórter Ernesto Varela), Roberto Bendler, Sandra Court, Renato Barbieri e da produtora Obar Elertólculo, estão conquistando espaço na Europa. "Isto se deve, sobretudo, ao olhar caracte-



"La Memoire du ciel", vídeo de T. Falanga, na mostra competitiva



Videoinstalação, uma "cordões" de Sandra Kougi

ristico do vídeo brasileiro, onde se destaca o humor, o documentário e a autobiólio", explica Solange.

Contudo, "há dois anos nós estamos pensando em como alargar a entrada da produção brasileira no disputado mercado do Hemisfério Norte, na Europa e nos EUA", comenta a jornalista. E após diversas viagens que fez, e muitos vídeos assistidos, Solange percebeu como "existe uma identidade, apesar das diferenças particulares a cada um, das produções do Hemisfério Sul, ou do chamado mundo subdesenvolvido, uma produção que embora não possa ser comparada

quantitativamente ao que se faz no Norte pode ser, por outro lado, comparada em termos de qualidade com uma grande capacidade de experimentação formal", afirma. Daí "nós resolvemos fazer esta seleção bem representativa de tal forma que seja possível atravessarmos esta ponte que separa o Sul do Norte", projeta Solange.

Trata-se de uma proposta ouvida, que o público poderá conferir logo mais. Pois, para Solange, esta é uma tentativa de, através do vídeo, "procurarmos refletir um pouco sobre as semelhanças e diferenças deste planeta".

ACOMPANHE

Fotofestiva Internacional Vídeo Festival

Exibição dos vídeos entre os dias 8 e 14 de novembro, a partir das 14h30, no MIS (Av. Europa, 154, tel. 852-9197). Entrada franca.



Video-instalação de alemão Marcel Odenbach, onde as imagens de três vídeos lutam entre si e com o público.

## A maior festa do vídeo promete surpresas

Em sua oitava edição, o festival fotográfica de Vídeo se internacionaliza e aposta, mais do que nunca, no experimentalismo.

Como na próxima sexta-feira, no Museu de Imagem e do Som, a oitava edição do maior festival de vídeo do país. Este ano, o tradicional Videobrasil passa a ser o Festival Fotográfica de Vídeo, em sua primeira edição internacional — tendo como característica principal conteúdos videomakers do hemisfério sul para a jornada competitiva que vai até dia 13.

Como nos anos anteriores, o festival pretende trazer a inovação, não excluindo formatos tradicionais, mas sempre se preocupando com o experimentalismo, com idéias novas.

A organizadora do festival, Solange Oliveira, que viaja para outros festivais à procura de novas tendências, diz estar satisfeita com o que trouxe, prometendo surpresas. Solange participou de vários circuitos internacionais de vídeo, passando pela Europa e hemisfério sul, mas foi no festival da França, o Mefestart, que ele se identificou, dizendo que este era o mais próximo da "nova filosofia", onde o experimentalismo é o que conta. "Nós no Brasil temos uma televisão ultrapassada, as pessoas assistem como única opção, mas agora estão surgindo novas canais, como as TVs



Solange de Oliveira: "Quem está no experimental já domina a linguagem".

Alexi (MTV) e Jovem Pin (no ar a partir do próximo ano). Estamos vivendo uma maior abertura. Quem está no experimental já passou pelo formal, pelo conservador, já possui o domínio da linguagem", diz Solange.

Das 32 vídeos concorrentes, 17 são brasileiros, o que, segundo Solange, a surpreendeu, pois foi um ano penoso para a área de vídeo no Brasil, com uma total falta de recursos. Mas o que promete causar sensação são as video-instalações, num total de quatro. A primeira será a maior e mais cara: The no way better project, de Dominik Barber, te-

rá cinco tores de 2m de cada, mais de 20m de painéis pretos, e uma boneca enorme com o rosto em vidro, montada numa base feita de madeira. O visitante entra no salão escuro onde as pessoas vão descobrindo um a um os tores e se integrando nelas. Outros é a da brasileira Sandra Koger, que montará cabanos onde as pessoas gravarão em vídeo seus depoimentos, fazendo com que o sistema se torne cômico, e depois se assista no final.

As video-instalações contarão ainda com a participação de Tandra Fungie, que montará repólio em uma homenagem a Oswald de Andrade, e o alemão Marcel Odenbach, que usa três cubos com imagens que bricam entre si.

A organização do festival diz esperar mais de 10 mil pessoas, ficando com que o MIs se torne pequeno. "O espaço está sendo grande, tenho construções encorajadas como as video-instalações e isso acaba dando um rico qualidade do lugar", conclui Solange. Para se ter um ponto de festival internacional, Solange acha impressionável a Videoteca onde estarão à disposição todos os trabalhos concorrentes. Que dessa forma, poderão ser negociados.

# Festival seleciona boa safra

Saiu a relação com os 32 vídeos que vão estar competindo no Fotoptica Internacional Video Festival, que acontece de 9 a 15 de novembro no Museu da Imagem e do Som em São Paulo. A mostra competitiva do Hemisfério Sul (que mistura as categorias U-Matic e VHS) terá quatro produções australianas, duas de Moçambique, cinco da Argentina, duas do Uruguai, duas do Chile e 17 do Brasil.

Os brasileiros selecionados são: "O pacote da cruzélia" e "A sangue frio" (da TV Viva), "Deus come-se" (de Luis Duva), "Um olhar sobre Barcelona" (de Helvécio Rattton), "Pinarcoiteca de Medellín" (de Geraldo Anhaia), "Um vídeo da lata" (de Daniel Brazil), "Brasincinóscopio" (de Mauro Giuntini), "What do you think people think Brazil is?" (Sandra Kogut), "O inglês que o Brasil vê" (de Sergio Sbragia), "Burguesia" (de Goya Castro e Ana

Arantes), "Poesia é uma ou duas linhas e por trás uma imensa paisagem" (de João Moreira Salles), "Eu vi" (de Ana Luiza Muylaert e Marcia Carvalho), "Cinco ou seis partes de um todo que juntas não somam nada" (de Antonio José Queiroga), "Deus nasceu foi no Brasil" (de Inácio Zats e Arnaldo Galvão), "Videocabinés são três caixas pretas" (de Sandra Kogut), "3 antena: desobstruindo os canal tudo" (da 3 Antena), "Não vou à África por que tenho plantão" (de Eder Santos).

A seleção, que foi feita pela assessoria de programação do Festival, coordenada pelos videastas Marcello Dantas e Renato Barbieri e por Hugo Kovensky e Mauro Cavalletti, exigiu que fossem vistos 195 vídeos, número total de produções inscritas. É o primeiro ano em que a competição dentro do Fotoptica se torna um evento internacional, e isso obrigou à modificação no nome

da maratona, que se chamava antes Fotoptica Videobrasil. A organização do festival preferiu, porém, limitar a competição aos países do Hemisfério Sul nesta experiência inicial.

Os vídeos brasileiros passam portanto a competir em pé de igualdade com as produções estrangeiras. As nacionais são produções de peso, e algumas delas já puderam ser vistas anteriormente pelo público. É o caso de "Poesia é uma ou duas linhas e por trás uma imensa paisagem", o muito bem cuidado vídeo de João Moreira Salles, que já teve um lançamento este ano no Rio na Sala Magnetoscópio.

Outros, como o "Burguesia", de Goya Castro e Ana Arantes — um clip feito pela dupla para a música-título do LP do cantor Caruza —, já foi até exibido na televisão. Solange de Oliveira, organizadora do Festival Fotoptica, garante ainda que os



Caruza está no vídeo "Burguesia"

# Documentário brilha em festival de vídeo

Saindo a lista definitiva dos selecionados para o Fotóptica Internacional Video Festival, que se realiza de 9 a 15 de novembro, no Museu de Imagem e do Som de São Paulo, foram selecionados 32 vídeos de um total de 198 inscritos. Dos selecionados, 17 são brasileiros, 4 são da Austrália, 5 da Argentina, 2 de Moçambique, 2 do Uruguai e 2 do Chile. Na divisão por categoria, 12 trabalhos foram classificados como vídeoarte, 9 como documentários, 4 musicais e 7 ficções. De Brasília, o único selecionado foi **BRASICONOSCOPIO**, conforme o **CORREIO BRASILIENSE** já havia anunciado na última terça-feira.

"Somente os trabalhos inovadores em termos de linguagem e qualidade técnica passaram pelo crivo da comissão de seleção", explica Solange Oliveira, diretora do festival. Solange faz questão de frisar que este critério foi seguido com rigor pela comissão de seleção, formada por Marcello Dantas, Renato Barbieri, Hugo Kovensky e Mauro Cavalletti, e lembra que os documentários brasileiros inscritos, mas não selecionados para a mostra competitiva, podem ainda ser selecionados para a Mostra Informativa Videobrasil.

Os documentários brasileiros foram uma das coisas que mais chamavam a atenção do júri de seleção. "Tivemos um volume enorme e uma impressionante qualidade nos documentários", avalia Solange. "O Brasil prima por um estilo muito particular de fazer documentários, bem humorados, com linguagem própria, com requintes de imagem e sempre adaptados ao veículo televisão".

Entre os australianos, predominaram trabalhos de vídeoarte, "vídeos que primam pela criatividade e pela tecnologia", adianta Solange. "Já os africanos, optam preferencialmente por uma linguagem bastante cinematográfica, abordando em geral a problemática cultural e social do continente". A principal surpresa para os organizadores do festival ficou mesmo por conta do grande volume de vídeos brasileiros inscritos, superando as expectativas. "Mesmo com o Plano Collor, a produção aumentou", avalia Solange. "Se produziu até mais do que no ano passado, enquanto prevíamos o contrário. Para se ter uma idéia, até o distante estado de Rondônia compareceu com um trabalho no festival". (Cesar Mendes)

*Electronic Kama Sutra* — Cathy Vogan / vídeoarte / Austrália  
*Neo Geo: An America Purchase* — Peter Callas / vídeoarte / Austrália

WANDERLEI POZZEMBOM/ARQUIVO



O trabalho de Mauro Giuntini é o único candango no Fotóptica

*Night's High Moon* — Peter Callas / vídeoarte / Austrália

*Son of Romeo* — Chris Willems / ficção / Austrália

*A Colheita do Diabo* — Lécio Azevedo e Brigitte Bagnol / Ficção / Moçambique

*As Crianças de Lhangwane* — Rodrigo Gonçalves e Haroon Patel / documentário / Moçambique

*O Pacote de Cruzella* — TV Viva / documentário / Brasil-PE

*A Sangue Frio* — TV Viva / documentário / Brasil-PE

*Deus Come-se* — Luiz Diva / vídeoarte / Brasil-SP

*Um Olhar Sobre Barcelona* — Helvecio Batton / documentário / Brasil-MG

*Pimcoiteca de Medellin* — Geraldo Mello / vídeoarte / Brasil-SP

*Um Vídeo na Lata* — Daniel Brazil / musical / Brasil-SP

*Brasiconoscópio* — Mauro Giuntini / documentário / Brasil-DF

*What Do You Think People Think Brazil Is?* — Sandra Kogut / vídeoarte / Brasil-RJ

*O Inglês Que o Brasil Vê* — Sergio Sbraglia / documentário / Brasil-RJ

*Burguesia* — Goya Castro e Ana Arantes / musical / Brasil-RJ

*Poesia É Uma Ou Duas Linhas E Por Trás*

*Uma Imensa Paisagem* — João Moreira Sales / vídeoarte / Brasil-RJ

*En Vi* — Anna Luiza Muijert e Marcia de Carvalho / vídeoarte / Brasil-RJ

*Cinco Ou Seis Partes de Um Todo Que Juntas Não Formam Nada* — Antônio José Queiroga / vídeoarte / Brasil-RJ

*Deus Nasceu Foi no Brasil* — Inacio Zatz e Arnaldo Galvão / musical / Brasil-SP

*Videocubines São Caixas Pretas* — Sandra Kogut / vídeoarte / Brasil-RJ

*3 Antena: Desobstruído Os Canal Tudo* — 3 Antena / documentário / Brasil

*Não Vou à África Porque Tenho Plantão* — Eder Santos / vídeoarte / Brasil-MG

*La Tirolesa* — Marcelo Iaccarino e Gonzalo Pampin / documentário / Argentina

*Último Vuelo* — Diego Lascano / ficção / Argentina

*El Círculo Xenético* — Boy Olmi e Luis María Hermida / ficção / Argentina

*El Saco* — Mario Gomez Moreno / ficção / Argentina

*IV Eden* — Esteban Sapir / ficção / Argentina

*Mama Era Punk* — Guillermo Casanova, Marisol Santilices e Hernan Dinamarca / documentário / Uruguai

*Tahiti* — Pablo Dotta e Mariella Beswevsky / ficção / Uruguai

*La Memoire du Ciel* — Francisco Fábrega / vídeoarte / Chile

*El Jardín Del Amor* — German Bobe / vídeoarte / Chile



# VIDEOMANIA

Jornal do Brasil  
30.09.90

## Vídeo independente nacional aposta na 8th Fotoptica

É chegada a hora do vídeo independente nacional. Na semana de 9 a 15 de novembro, representantes das emissoras internacionais como a Channel Four, Canal Plus, TV Espanhola, ZDF da Alemanha e RTBF da Bélgica vão se encontrar com suas congêneres nacionais, Abril Vídeo, Canal + e Jovem Pan. Todos estarão reunidos no 8th Fotoptica Internacional Vídeo Festival, que leva o título de primeiro festival internacional de vídeo independente da América Latina.

Os organizadores esperam proporcionar um ambiente para ricos debates sobre os mercados nacional e internacional de vídeo. Além da participação de distribuidores de vídeos nacionais e internacionais, estão previstos workshop a cargo da produtora norte-americana Kathy Rae e do inglês Tim Morrison, dos Gorillas Tapes.

A internacionalização do festival representa uma estratégia de mercado. A diretora do festival, Solange Oliveira, acha que esta é agora a conquista que se apresen-

ta como um desafio para os produtores e realizadores brasileiros que já dispõem de uma bagagem amadurecida e à espera de canais de distribuição e exibição. A proposta de reunir produção de países do Hemisfério Sul não significa, porém, a criação de barreiras junto ao Hemisfério Norte. "Estamos apenas abrindo um campo para os vídeos da Oceania, África, Sudeste Asiático e América Latina, que costumam ser mal representados nos festivais e mercados internacionais, pela falta de uma filtragem que os pré-qualifique", explica ela certa de que o 8th Fotoptica Internacional poderá ser este aval.

As produções do Hemisfério Norte farão parte da Mostra Informativa Internacional, que exibirá o que há de mais recente e criativo na produção de vídeo dos seguintes países: Holanda, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Israel, Estados Unidos, Japão, Bélgica, Cuba, Rússia e Polônia.

*Internacional: festival vai reunir emissoras do quilate da Channel Four e Canal Plus e suas congêneres nacionais como Abril Vídeo, Canal + e Jovem Pan*



### Atrações variadas garantem interesse

São muitas as atrações do 8th Fotoptica Internacional. Vão desde as mostras informativas de 14 países, videoinstalações e debates até, claro, a concorrida mostra competitiva do Hemisfério Sul, que oferecerá cinco prêmios nas categorias musical, documental, vídeoarte e ficção, escolhidos por júri internacional.

As mostras informativas reunirão produções de países do Hemisfério Norte, vencedores de festivais internacionais de produção,

além da mostra Videobrasil, que apresentará as produções que representam a tendência do mercado nacional. Entre as videoinstalações previstas estão *The no way huster project*, dos artistas franceses Dominik Barbier e Cathy Vogan; e *As if memories could deceive me?*, do alemão Marcel Odenbach.

Vários artistas nacionais e internacionais também participarão de conferências previstas na agenda do festival, que ainda prevê a

apresentação de um videojornal. Ele funcionará como documento para a conservação da memória do festival, servindo para informação à imprensa e para que todos os participantes possam acompanhar todas as atividades do festival. O videojornal colocará em prática a operação de uma emissora de TV, montada pelo JVC, desde a implantação do sistema, captação de imagem e transmissão de satélite para todo o espaço do festival.

# O mundo em vídeo

Realizando festivais de vídeo independente há oito anos, a Fotóptica abre este ano, pela primeira vez, inscrições para obras produzidas além de nossas fronteiras: O "8th Fotóptica International Video Festival" se realizará entre 9 e 15 de novembro próximo, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Ele reunirá trabalhos de videomakers de todo o mundo, mas a mostra competitiva será restrita apenas a artistas do hemisfério sul do globo. A diretora do festival, Solange Oliveira, explica o porquê desta restrição: "Seria uma pretensão fazer um festival a nível mundial, quando existem circuitos muito mais importantes como o europeu e o americano. Difícil é encontrar algum videomaker premiado nestes circuitos se interessar em trazer o seu trabalho ao Brasil. A ideia, ao criar esta especificidade, foi a de atrair o interesse de produtores de TV dos países desenvolvidos para esta produção, praticamente inédita e desconhecida entre eles, já que este é o primeiro festival do gênero".

E justamente para chamar a atenção dos olhos do Primeiro

Mundo, também será realizado um polo de debates sobre o mercado nacional e internacional de vídeo. Participarão emissoras internacionais como o Channel Four e Canal Plus, ambas francesas, TV Espanhola, ZDF, da Alemanha, TV Senegal e RTBF, da Bélgica, e as novas tevês brasileiras, como a Abril, Canal 5 e Jovem Pan, além de algumas distribuidoras nacionais e internacionais. Em pauta estarão assuntos como o intercâmbio sorteado na produção independente de vídeo, tevês por assinatura e as perspectivas da produção experimental com a televisão.

Na Mostra Informativa Internacional, serão exibidas as mais importantes e recentes produções de vídeo experimental no mundo. Serão ao todo 40 horas de exibição, e as obras virão da Holanda, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Israel, Estados Unidos, Japão, Bélgica, Cuba, URSS e Polónia. Haverá ainda workshops a cargo da produtora norte-americana Kathy Rae e do inglês Tim Morrison, dos Gorillas Tapes, e vídeo instalações, como "The no way bus-ter project", dos franceses Do-

minik Barbier e Cathy Vogan, e "As if memories could deceive me?", do alemão Marcel Odenbach.

Ainda não estão definidos os prêmios para os vencedores da mostra competitiva. De certa, apenas a ajuda de produção que a Fotóptica dará ao autor do melhor vídeo nacional, para trabalho posterior, e a sua participação no "World Wide Video Festival", da Holanda, e no Festival de Montbéliard, na França. O júri será composto por Jean-Marie Duras, francês, diretor da ex-Nihilo, Jill Scott, videoinstalador, criador do primeiro festival de vídeo da Austrália, Carlos Trilnick, argentino, do Instituto Cultural Ibero-Americano, e um representante do Brasil e outro da África, ainda não definidos. As inscrições para o "8th Fotóptica International Video Festival" estarão abertas até o dia 10 deste mês, na Rua Cônego Eugênio Leite, 929, Pinheiros, em São Paulo (tel. 269-6031), e no Rio na Magnetoscópio, Rua Siqueira Campos, 143, sala 159 (tel. 235-5065).

Eduardo Souza Lima



Solange Oliveira, diretora do Festival de Vídeo Fotóptica. "É o primeiro festival do gênero".

# Festival reunirá os videomakers do país

As inscrições para o 8th Fotóptica International Video Festival, que acontecerá de 9 a 15 de novembro, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, estarão abertas até o próximo dia 10 de setembro para os videomakers do Brasil, América do Sul, África e Sudeste Asiático. Os tapes devem ter sido produzidos a partir de abril de 1989, sempre no sistema NTSC ou Pal europeu. Os trabalhos inscritos serão selecionados pela assessoria de programação composta por Renato Barbieri, Marcelo Dantas, Hugo Korasky e Mauro Cavaleti. Os realizadores determinarão a categoria em que os vídeos concorrerão - videoarte, videoficção, videodocumentário e videomúsica. Caso seja necessário, a comissão fará uma redefinição da categoria.

As inscrições devem ser feitas na sede do festival, à rua Cônego Eugênio Leite, 920, tel. 280-6031, Pinheiros, em São Paulo. No Rio de Janeiro, as inscrições poderão ser feitas na Magnetoscópio, rua Siqueira de Campos, 143, sala 159, tel. 235-5065. Para as produções fora de São Paulo será cobrada uma taxa de 10 BTN's para devolução da fita. Os participantes estrangeiros podem inscrever seus vídeos mediante a taxa de US\$ 50.

## FESTIVAL APOSTA NO MERCADO INTERNACIONAL

O 8th Fotóptica International Video Festival (o primeiro festival internacional de vídeo independente do Hemisfério Sul), será um pólo de debates sobre o mercado nacional e internacional de vídeo. Estarão participando

emissoras internacionais como Channel Four, Canal Plus, TV Espanhola, ZDF da Alemanha, RTBF da Bélgica, e novas TVs nacionais como Abril Vídeo, Canal +, Jovem Pan, e alguns distribuidores nacionais e internacionais. Haverá ainda Workshops a cargo da produtora norte-americana Kathy Rae e do inglês Tim Morrison, dos Gorilas Tapes.

Na opinião da diretora do festival, Solange Oliveira, a internacionalização do festival representa, principalmente, uma estratégia de mercado. "Esta conquista é o desafio que se apresenta agora para os produtores e realizadores brasileiros com uma produção já suficientemente amadurecida e a espera de canais de distribuição e exibição", explica.

Para Solange, a proposta de reunir produção dos países do Hemisfério Sul não significa que "este festival estará criando barreiras para o Hemisfério Norte. Ele abrirá um campo para vídeos da Oceania, África, Sudeste Asiático e América Latina, que costumam ser mal representados nos festivais e mercados internacionais por falta de uma filtragem que os pré-qualifique. O 8th Fotóptica International Video Festival poderá dar esse aval".

As produções do Hemisfério Norte farão parte da Mostra Informativa Internacional, que exibirá o que há de mais recente e criativo na produção de vídeo experimental no mundo. Serão 40 horas de vídeo dos seguintes países: Holanda, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Israel, Estados Unidos, Japão, Bélgica, Cuba, Rússia e Polônia.

## AS PRINCIPAIS ATRAÇÕES

O 8th Fotóptica International Video Festival terá várias atividades desde mostras informativas de 14 países, vídeo instalações, até debates com os realizadores. No programa consta a Mostra Competitiva do Hemisfério Sul, Austrália e Sudeste Asiático. Serão concedidos cinco prêmios nas categorias musical, documental, videoarte e ficção, escolhidos por um júri internacional.

As mostras informativas reunirão produções de 14 países do Hemisfério Norte, vencedores de festivais internacionais e co-produções que representam a atual tendência do vídeo no País. Serão realizados também vídeo instalações, como "The no way buster project", dos artistas franceses Dominik Barbier e Cathy Vogan; e "As if memories could deceive me?", do alemão Marcel Odenbach.

Durante o 8th Fotóptica International Video Festival, serão realizadas conferências sobre vídeo e televisão com a participação de vários artistas nacionais e internacionais com tradução simultânea português/inglês. Constam ainda do programa do Festival debates com os organizadores e apresentação de um Vídeo jornal. Este último funcionará como um documento para a conservação da memória do Festival, meio de informação imediata para a imprensa e fator de integração para os participantes que podem acompanhar todas as atividades do Festival. O Vídeo jornal deste ano, montado pela JVC, colocará em prática a operação de uma emissora de TV.

SEGUNDO CADÊ

## vídeo

# Vem aí o Festival Fotoptica

O VIII Fotoptica International Video

Festival, maior festival de vídeo

independente do País, acontecerá de

nove a 15 de novembro, no Museu

da Imagem e do Som, em São Paulo

O Fotoptica International Video Festival é o mais antigo evento do país na área do vídeo e sempre foi um pólo de debates sobre o mercado nacional. A oitava edição apresenta como característica principal a internacionalização. Participarão do festival emissoras internacionais como a Channel Four (Inglaterra), Canal Plus (França), TV Espanha, ZDF da Alemanha, RTBF da Bélgica, e as novas TVs nacionais como a TV Abril, Jovem Pan, e algumas distribuidoras nacionais e internacionais.

A programação é extensa; várias atividades estão previstas. Desde mostras informativas de vídeos de 14 países, vídeoinstalações, até debates com os realizadores. No programa consta a mostra competitiva do Hemisfério Sul, Austrália e Sudeste Asiático. As mostras informativas serão compostas de trabalhos vencedores de festivais internacionais e co-produções internacionais, além da Mostra Videobrasil, que apresentará produções que representam a atual tendência do vídeo no País.

Também ocorrerão workshops a cargo da produtora norte-americana Kathy Rae e do inglês Tim Morrison, dos Gorilas Tapes. Durante o festival serão realizadas conferências sobre vídeo e televisão com a participação de vários artistas nacionais e internacionais com tradução simultânea. Constam ainda do programa do Festival debates com os organizadores e apresentação de um Videojornal. Este último funcionará como um documento para a conservação da memória do festival, meio

de informação imediata para a imprensa e fator de integração para os participantes que podem acompanhar todas as atividades do festival. O videojornal deste ano, montado pela JVC, colocará em prática a operação de uma emissora de tevê, desde a implantação do sistema, captação da imagem e a transmissão através do satélite para todo o espaço do festival.

**INTERNACIONALIZAÇÃO** — Na opinião da diretora do festival, Solange Oliveira, a internacionalização representa, principalmente, uma estratégia de mercado. "Esta conquista é o desafio que se apresenta agora para os produtores e realizadores brasileiros com uma produção já suficientemente amadurecida e a espera de canais de distribuição e exibição". Para Solange, a proposta de reunir produção dos países de Hemisfério Sul não significa que "este festival estará criando barreiras para o Hemisfério Norte. Ele abrirá um campo para vídeos da Oceania, África, Sudeste Asiático e América Latina, que costumam ser mal representados nos festivais e mercados internacionais por falta de uma filtragem que os pré-qualifique. O Fotoptica poderá dar esse aval".

As inscrições podem ser feitas até 10 de setembro e estão abertas a videastas do Brasil, América do Sul, África e Sudeste Asiático. Os tapes devem ter sido produzidos a partir de abril de 1989, sempre em sistema NTSC ou PAL Europeu. Os trabalhos inscritos serão selecionados pela assessoria de programação composta por Renato Barbieri, Marcelo Dantas, Hugo Korausky e Mauro Cavaleti. Os realizadores determinarão a categoria em que os vídeos concorrerão — videoarte, videoficção, videodocumentário e videomúsica. Caso seja necessário, a comissão fará uma redefinição da categoria.

As inscrições devem ser feitas na sede do festival, à rua Cônego Eugênio Leite, 920, telefone 280-6031, Pinheiros, em São Paulo. No Rio de Janeiro, as inscrições poderão ser feitas na Magnetoscópio (Siqueira Campos 143/Sala 159, fone 235-5065). Para produções de fora de São Paulo será cobrada a taxa de 10 BTN's para a devolução de fita. Os participantes estrangeiros podem inscrever seus vídeos mediante a taxa de US\$ 50.

Divulgação/ZH



**Solange:** "Em busca do mercado internacional"



# Os cobras do vídeo internacional vão a SP

O 8th Fotográfica Internacional Vídeo Festival (o primeiro festival internacional de vídeo independente do Hemisfério Sul), que acontece de 9 a 15 de novembro, em São Paulo, será um pólo de debates sobre o mercado nacional e internacional de vídeo. Estarão participando remissoras internacionais como Channel Four, Canal Plus, TV Espanhola, ZDF da Alemanha, RTBF da Bélgica, e novas TVs nacionais como Abril Vídeo, Canal +, Jovem Pan, e alguns distribuidores nacionais e internacionais. Haverá ainda Workshops a cargo da produtora norte-americana Kathy Rap e do inglês Tim Morrison, dos Corlias Tapes.

Na opinião da diretora do festival, Solange Oliveira, a internacionalização do festival representa, principalmente, uma estratégia de mercado. "Esta conquista é o desafio que se apresenta agora para os produtores e realizadores brasileiros com uma produção já suficien-

temente amadurecida e a espera de canais de distribuição e exibição", explica.

Para Solange, a proposta de reunir produção dos países do Hemisfério Sul não significa que "este festival estará criando barreiras para o Hemisfério Norte. Ele abrirá um campo para vídeos da Oceania, África, Sudeste Asiático e América Latina, que costumam ser mal representados nos festivais e mercados internacionais por falta de uma filigrana que os pré-qualifique. O 8th Fotográfica Internacional Vídeo Festival poderá dar esse aval".

As produções do Hemisfério Norte farão parte da Mostra Informativa Internacional, que exibirá o que há de mais recente e criativo na produção de vídeo experimental no mundo. Serão 40 bocas de vídeo dos seguintes países: Holanda, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Israel, Estados Unidos, Japão, Bélgica, Cuba, Rússia e Polónia.

## Mostras e debates no evento

O 8th Fotográfica Internacional Vídeo Festival, no Mês da Imagem e do Som, terá várias atividades desde mostras informativas de 14 países, vídeo instalações, até debates com os realizadores. No programa consta a Mostra Competitiva do Hemisfério Sul, Austrália e Sudeste Asiático. Serão concedidos cinco prêmios nas categorias musical, documental, Videarte e ficção, escolhidos por um júri internacional.

As mostras informativas reunirão produções de 14 países do Hemisfério Norte, vencedoras de festivais internacionais e co-produções internacionais, além da Mostra videobrasil, que apresentará produções que representam a atual tendência do vídeo no País. Serão realizadas também vídeo instalações, como "The no way better project", dos artistas franceses Dominique Barbier e Cathy Vozac; e "As if memories

could deceive me?", do alemão Marcel Odenbach.

Durante o 8th Fotográfica Internacional Vídeo Festival, serão realizadas conferências sobre vídeo televisivo com a participação de vários artistas nacionais e internacionais com tradição simultânea português/inglês. Constam ainda do programa do Festival debates com os organizadores e apresentação de um Videojornal. Este último funcionará como um documento para a conservação da memória do Festival, meio de informação imediata para a imprensa e fator de integração para os participantes que podem acompanhar todas as atividades do Festival. O Videojornal deste ano, montado pela JVC, colocará em prática a operação de uma emissora de TV, desde a implantação do sistema, captação da imagem e a transmissão através do satélite para todo o espaço do Festival.

## Inscrição começa no dia 10

As inscrições para o 8th Fotográfica Internacional Vídeo Festival, estarão abertas até o próximo dia 10 de setembro para os videogatadores do Brasil, América do Sul, África e Sudeste Asiático. Os tapes devem ter sido produzidos a partir de abril de 1989, sempre no sistema NTSC ou Pal simples.

Os trabalhos inscritos serão selecionados pelo comitê de programação composto por Renato Barbier, Marcelo Dantas, Rigo Koroski e Mauro Cravalho. Os realizadores determinarão a categoria em que os vídeos concorrerão - documental, videobrasil, videocultural-

sário e videomúsica. Caso seja necessário, a comissão fará uma redefinição da categoria.

As inscrições devem ser feitas no endereço do festival, à rua Cônego Eugênio Leite, 950, tel. 280-0031. Fichários, em São Paulo, Na Rio de Janeiro, as inscrições poderão ser feitas na Magnotópicos, rua Sapereira de Campos, 143, sala 159, tel 225-5065. Para as produções fora de São Paulo será cobrada uma taxa de 10 RTN para devolução da fita. Os participantes estrangeiros podem inscrever seus vídeos mediante a taxa de US\$ 50.



Ugo Tognazzi e Ornella Vanoni estrelam este drama futurista, onde os jovens lutam o poder

## Os Viajantes Noturnos

Drama futurista derivado em um romance de Umberto Sironi. Foi o quinto filme dirigido pelo ator Ugo Tognazzi, que também colabora na adaptação. A história se passa numa sociedade em que o poder está nas mãos dos jovens. Autoritários e super racistas, utilizam a coerção de maneira eficiente. Os mais velhos - e eles subentendidos - são considerados inúteis à sociedade e por isso mesmo alienados. A lei determina que ao atingirem os cinquenta anos, todas as pessoas devem retirar-se para "vilas turísticas", onde tudo é descendo e devorado em outras galáxias, terríveis e alienígenas. Um desses "viajantes" é Orni, interpretado por Ugo Tognazzi, que passa por uma crise com a esposa Nicki (a cantora Ornella Vanoni).

Tognazzi explica a moralidade e os valores como sendo produtos do desenvolvimento social. Isso advém na limitação e instabilidade. Realiza uma análise profunda e muitas vezes vem humorada da civilização, do poder, da relação homem/mulher e do eterno conflito de gerações.

Ugo Tognazzi dirige seu primeiro filme, "Osde os Próximos se Cruzam" em 1961. Depois fez "Só Por Causa de Nani" (1967), "Amore Extraordinario" (1968) e "Queen Esti Dormindo Com Minha Mulher" (1976). Dirige ainda, um episódio Francesco Bonavizi de um seriado de TV, chamado I Ragazzi della 3ª C.

Ficha técnica: Direção: Ugo Tognazzi; Roteiro: Sandro Petroni e Ugo Tognazzi; Fotografia: Ennio Guarnieri; Música: Toti Selvi e Xavier Battini; País de origem: Itália; Ano de produção: 1979; Tempo de duração: 108; Com: Ugo Tognazzi, Ornella Vanoni, Roberto Paladini, Corinne Clery, Pietro Braccilli, Willem Burger, José Luis Lopez Vazquez.



## Desejo em Família

Em uma fazenda do Texas, início do século, um casal vive seu drama particular. Mary quer ter um filho, mas Jonathan é contrário, por isso decide abortar o de seus próprios sentimentos e pedir a seu jovem irmão Aaron que engravide sua esposa. O pedido, que a princípio assusta Mary e Aaron, acaba por introduzir um novo elemento em sua relação, uma atração que se torna cada vez mais forte.

Quando Jonathan decide virar, Mary e Aaron têm a oportunidade de se entregar a uma intensa paixão que acaba por transformar completamente suas vidas. É a história de uma mulher dividida pela amor que sente por dois irmãos, vividos com sensibilidade por Ted Levine e Lewis Smith. Cheryl Ladd é Mary e a história é baseada no romance de La Vey Spencer. A vitalidade e juventude de Aaron faz com que Mary se entregue a uma paixão proibida, mas vivida em toda sua intensidade.

Ficha Técnica  
Título Original FullHeart  
Com Cheryl Ladd (Mary), Ted Levine (Jonathan), Lewis Smith (Aaron), Sheila Kelley (Kate Videman) e Douglas Platts (Haggard) | Produção Harry E. Sherman  
O Roteiro Laird Koenig | Música Gary Scott | Montagem Mills Manna A.C.E. | 1988 | 96 minutos

## Torturado pelo passado

Mark Lambert sobreviveu a cinco anos brutais de cativeiro no Vietnã e desde que voltou para os Estados Unidos nunca mais se adaptou à sociedade, indo viver numa floresta atarada com outros veteranos de guerra que têm o mesmo problema. Após 16 anos de isolamento, tenta voltar ao mundo exterior, procura um emprego e conhece Chai, uma mulher que quer ajudá-lo. Ele o encoraja a dar o maior passo da sua vida. Procurar um filho Jack, que não vê desde criança.

Jack, tanto quanto o pai, é atormentado pelas memórias de seu passado, pelo abandono que nunca poderá realmente entender, mas que tentará aceitar. O encontro dos dois é dramático e quando todos vão para a floresta, onde se passam dois momentos da guerra explodiam num clima terrível, o filme atinge um grande momento de verdade.

John Lithgow, duas vezes indicado para o Oscar, premiado com o Tony da Broadway e com o Emmy da televisão americana, interpreta Mark Lambert com sua comosidade eficaz. Jack é personificado por Ralph Macchio, um dos jovens jovens mais populares do momento, famoso como o lutador de Karatê na série de filmes "The Karatê Kid". A música de "Torturado pelo Passado" foi composta pelo mestre Maurice Jarre, três vezes premiado com o Oscar. "Torturado pelo Passado" é uma produção americana de 1988, dirigida por Rick Rosenthal e, no elenco, John Lithgow, Ralph Macchio, Kerrie Kane, Rob Brown, James Sheridan, Denis Aron, Janet Margolin. A duração é de 113 minutos. Cx Vídeo.

## Dupla Traição

No início da história, Richard Burke está com a armia apontada para um líder da América Central a serviço da Cia, mas não consegue passar o garfido. Não quer mais saber deste tipo de vida, que acabou com o seu casamento com Angela, entregou toda sua existência e o talento que tinha para a pintura. Com a ajuda de seu amigo da Cia, abandona tudo, troca de identidade e até de rosto através de uma operação plástica. Mas para um novo local, conhece um ex-drogado que agora toma conta de uma comunidade de adolescentes, passa a se interessar pelos garotos e torna-se para eles um professor de arte. Dupla traição é uma produção americana de 1989, com direção e roteiro de Philippe Moustier e, no elenco, Bruce Greenwood, Catherine Hicks, Tim Choate, Riad, Ned Beatty, Michael Tucker. É uma aventura de 95 minutos de duração. Cx Vídeo.

## Fotoptica faz festival internacional de vídeo

A oitava edição do Fotoptica Vídeo Festival traz uma novidade: foi aberto para videomakers não só do Brasil, como também de toda América do Sul, África e Sudeste Asiático, mantendo seu caráter independente. As inscrições terminam em 10 de setembro e o evento será realizado de 9 a 15 de novembro em São Paulo.

Segundo Solange Oliveira, diretora do festival, a internacionalização do festival representa, principalmente, uma estratégia de mercado. "Esta conquista é o desafio que se apresenta agora para os produtores e realizadores brasileiros com uma produção já suficiente amadurecida e a espera de canais de distribuição e exibição", explica. Para ela, a proposta de reunir produção dos países do Hemisfério Sul não significa que "este festival estará criando barreiras para o Hemisfério Norte. Ele abrirá um campo para vídeos da Oceania, África, Sudeste Asiático e América Latina, que costumam ser mal representados nos festivais e mercados internacionais por falta de uma filtragem que os pré-qualifique. O 8th Fotoptica International Vídeo Festival poderá dar esse aval".

As produções do Hemisfério Norte farão parte da Mostra Informativa Internacional, que exibirá o que há de mais recente e criativo na produção de vídeo experimental no mundo.

Serão 40 horas de vídeo dos seguintes países: Holanda, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Israel, Estados Unidos, Japão, Bélgica, Cuba, Rússia e Polónia. Estarão participando emissoras internacionais como Channel Four, Canal Plus, TV Espanhola, ZDF da Alemanha, RTBF da Bélgica, e novas TVs nacionais como Abril Vídeo, Canal Jovem Pan, e alguns distribuidores nacionais e internacionais. Haverá ainda workshops a cargo da produtora norte-americana Kathy Rae e do inglês Tim Morrison, dos Gorilas Tapes.



Solange: novo festival.

As inscrições para o 8th Fotoptica International Vídeo Festival, que acontecerá no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, estarão abertas até o próximo dia 10 de setembro. Os tapes devem ter sido produzidos a partir de abril de 1989, sempre no sistema NTSC ou Pal europeu.

Os trabalhos inscritos serão selecionados pela assessoria de programação composta por Renato Barbieri, Marcelo Dantas, Hugo Korausky e Mauro Cavaleti. Os realizadores determinarão a categoria em que os vídeos concorrerão — videoarte, videoficção, videodocumentário e videomúsica. Caso seja necessário, a comissão fará uma redefinição da categoria.

As inscrições devem ser feitas na sede do festival, à Rua Cônego Eugênio Leite, 920, tel.: 280-6031, Pinheiros, em São Paulo. No Rio de Janeiro, as inscrições poderão ser feitas na Magnetoscópio, Rua Siqueira de Campos, 143, sala 159, tel.: 235-5065.

Para as produções fora de São Paulo será cobrada uma taxa de 10 BTN's para devolução da fita. Os participantes estrangeiros podem inscrever seus vídeos mediante a taxa de US\$ 50.

## São Paulo será sede de Festival Internacional

As inscrições para o 8th Fotoptica Internacional Video Festival, que acontecerá de 9 a 15 de novembro, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, estarão abertas até o próximo dia 10 de setembro para os videomakers do Brasil, América do Sul, África e Sudeste Asiático. Os tapes devem ter sido produzidos a partir de abril de 1989, sempre no sistema NTSC ou Pal europeu.

Os trabalhos inscritos serão selecionados pela assessoria de programação composta por Renato Barbieri, Marcelo Dantas, Hugo Korauzky e Mauro Cavaleti. Os realizadores determinarão a categoria em que os vídeos concorrerão - videarte, videoficção, videodocumentário e videomúsica. Caso seja necessário, a comissão fará uma redefinição da categoria.

As inscrições devem ser feitas na sede do festival, à rua Cônego Eugênio Leite, 920, tel. 280-6031, Pinheiros, em São Paulo. No Rio de Janeiro, as inscrições poderão ser feitas na Magnetoscópio, rua Siqueira de Campos, 143, sala 159, tel. 235-5065. Para as produções fora de São Paulo será cobrada uma taxa de 10 BFNs para devolução da fita. Os participantes estrangeiros podem inscrever seus vídeos mediante a taxa de US\$ 50.

O primeiro festival inter-

nacional de vídeo independente do hemisfério Sul, será um pólo de debates sobre o mercado nacional e internacional de vídeo. Estarão participando emissoras internacionais como Channel Four, Canal Plus, TV Espanhola, ZDF da Alemanha, RTBF da Bélgica, e novas TVs nacionais como Abril Vídeo, Canal +, Joven Pan, e alguns distribuidores nacionais e internacionais. Haverá ainda Workshops a cargo da produtora norte-americana Kathy Rae e do inglês Tim Morrison, dos Gorilas Tapes.

Na opinião da diretora do festival, Solange Oliveira, a internacionalização do festival representa, principalmente, uma estratégia de mercado. "Esta conquista é o desafio que se apresenta agora para os produtores e realizadores brasileiros com uma produção já suficientemente amadurecida e a espera de canais de distribuição e exibição", explica.

Para Solange, a proposta de reunir produção dos países do Hemisfério Sul não significa que "este festival estará criando barreiras para o Hemisfério Norte. Ele abrirá um campo para vídeos da Oceania, África, Sudeste Asiático e América Latina, que costumam ser mal representados nos festivais e mercados internacionais por falta de uma filtragem que nos pré-qualifique. O 8th

Fotoptica Internacional Video Festival poderá dar esse aval".

As produções do Hemisfério Norte farão parte da Mostra Informativa Internacional, que exibirá o que há de mais recente e criativo na produção de vídeo experimental no mundo. Serão 40 horas de vídeo dos seguintes países: Holanda, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Israel, Estados Unidos, Japão, Bélgica, Cuba, Rússia e Polônia.

Durante o 8th Fotoptica Internacional Video Festival, serão realizadas conferências sobre vídeo e televisão com a participação de vários artistas nacionais e internacionais com tradução simultânea português/inglês. Constam ainda do programa do Festival debates com os organizadores e apresentação de um Videojornal. Este último funcionará como um documento para a conservação da memória do Festival, meio de informação imediata para a imprensa e fator de integração para os participantes que podem acompanhar todas as atividades do Festival. O Videojornal deste ano, montado pela JVC, colocará em prática a operação de uma emissora de TV, desde a implantação do sistema, captação da imagem e a transmissão através do satélite para todo o espaço do Festival.

# Videobrasil sofre mudanças e se internacionaliza



Solange Oliveira, diretora do Videobrasil, que este ano será aberto a vários países do hemisfério sul

**MARCOS STRECKER**  
Da Reportagem Local

O Videobrasil — festival de vídeo que acontece anualmente em São Paulo — mudará este ano de caráter e passará a emitir trabalhos de outros países. A idéia da diretora do festival, Solange Oliveira, é tornar o festival um pólo que reúna e qualifique os trabalhos em vídeo de vários países do hemisfério sul (incluindo os da Oceania, África e sudeste asiático, além dos países da América Latina), credenciando-os para participarem dos grandes eventos do gênero que acontecem nos países desenvolvidos.

Este ano será a oitava edição do festival — que passa agora a se chamar Festival Internacional Fotográfica de Vídeo —, e serão introduzidas modificações na sua estrutura. Não haverá mais a divisão de categorias entre formatos — VHS, Super-VHS e U-Matic —, todos fazendo parte de uma única mostra competitiva (Mostra Competitiva do Hemisfério Sul).

Essa mostra funcionará simultaneamente a outra não competitiva, de vídeos brasileiros, que se chamará Panorama Videobrasil. Uma comissão especial selecionará os vídeos que estarão na mostra competitiva e os que farão parte do Videobrasil.

Para Solange de Oliveira, a

## Festival quer obra de Paik

Da Reportagem Local

Entre os vídeos produzidos no exterior que o Videobrasil quer trazer, um pelo menos promete fazer sucesso: "The Arts of Television", um conjunto de vários trabalhos em vídeo que ao todo totalizam 24 horas de programação.

Entre os autores dos vídeos estão os dois "papas" da videante mundial, o sul-coreano Nam June Paik e o polonês radicado nos EUA Zbigniew Rybczynski. Também fazem parte dessa mostra dois vídeos do diretor inglês Peter Greenaway.

divisão por formatos ficou obsoleta com o avanço da tecnologia nos últimos anos. A idéia é selecionar todos segundo critérios de qualidade, e a única exigência é que sejam no sistema NTSC. Os vencedores serão escolhidos através de um júri popular.

A abertura do festival — que acontece de 10 a 17 de novembro — a países do hemisfério sul não inclui a exibição de vídeos

norte-americanos, europeus e outros. Essas produções serão exibidas dentro de uma mostra informativa internacional.

Quem participar do festival deste ano poderá ainda acompanhar um workshop com a produtora norte-americana Kathy Rae Huffman, curadora da mostra "The Arts of Television", organizada pelo Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles e pelo Museu de Arte Contemporânea de Amsterdã (veja texto acima, à esquerda). Ela deverá debater o mercado nacional e internacional de vídeos. Também fazem parte da programação do festival conferências e a exibição de um videojornal. Segundo Solange Oliveira — que viajar nos próximos dias para vários países com o objetivo de reunir trabalhos e fazer contatos —, o festival também deverá dar condições a produtores nacionais mostrarem suas realizações.

Se poderão participar do festival deste ano os vídeos que foram realizados a partir de abril de 1989. As inscrições estarão abertas a partir do dia 15 de maio (podem ser feitas à rua Clóvis Eugênio Leite, 920, tel. 280-4288, Pinheiros), e vão até o dia 10 de setembro. Vídeos de outros estados deverão pagar uma taxa de Cr\$ 250,00. Para os estrangeiros, a inscrição custará US\$ 10,00.

# Em novembro, a grande festa do vídeo.

É a oitava edição do Fotóptica Video Festival, de 9 a 15 de novembro no MIS, com um atrativo especial: vídeos que nunca foram vistos ao norte do Equador.

Credibilidade e respeito são conceitos que levam tempo. Exatos sete anos no caso do Fotóptica Video Festival, que só a partir da oitava edição — de 9 a 15 de novembro no Museu da Imagem e do Som — ganha projeção internacional. Em 1983, quando começou a ser chamado de Vídeo-Brasil, reunia o máximo videomakers amadores, cuja diversidade consistia em experimentar os recursos de complicados equipamentos que raramente aqui chegavam por vias oficiais.

Rigor profissional, busca de melhor fotografia, enquadramento preciso, interpretação bem formulada dos assuntos com foco, linguagem mais definida — qualidades que revelam o amadurecimento atal dos realizadores brasileiros — foram aspectos com os quais se parou de quarta versão do festival. O salto seguinte, no ano passado, foi promover a internacionalização do evento. Agora, preparando-se para a oitava edição, o Fotóptica se insere no calendário internacional de mostras de vídeo. Será o primeiro festival do mundo a reunir videomakers do Hemisfério Sul. Atrativo que atrai alguns figurões do vídeo europeu e norte-americano ao Brasil, gente interessada em conferir o desempenho de artistas da América do Sul, África e Austrália, e não só em se autoperceber.

O prestígio alcançado pelo festival, embora alguns de seus críticos afirmem que ele tenha perdido em criatividade para melhorar em qualidade técnica, se deve ao empenho de sua diretora, Solange Oliveira, que não é videomaker. "Sou apenas uma animadora cultural", diz ela.

Solange viajou durante meses, apresentando seu projeto na Europa, em Israel, países da América Latina, Austrália e Japão. Visitou emissoras alternativas de TV, grandes redes, produtoras independentes, instituições que apoiam a realização de vídeos e estúdios de vídeoarte. Esteve nos mais importantes festivais. Debaixo do braço levava um making of compilando os vídeos diários da cobertura dos últimos festivais realizados no MIS. "Era o meu portfólio para convencer da seriedade do Fotóptica".

Facilitou a meta de Solange o que disseram do festival brasileiro os visitantes estrangeiros presentes na sétima edição. "Eles ficaram bem impressionados com a qualidade dos vídeos brasileiros e, também, com a estrutura do festival", lembra a diretora. No ano passado vieram ao Brasil representantes dos principais eventos de vídeo da Europa, de emissoras alternativas e produtoras in-

dependentes. Aqui estiveram, e voltam, diretores do Channel Four (Inglaterra), Canal Plus (França) e RTBF (Rádio e Televisão Belga da Comunidade Francesa), além da produtora Ex-Nihilo (França) e organizadores do Festival de Montbliard. Virão, ainda, Kathu Hoffman, diretora da Cat Foundation de Boston, representantes da TV Espanhola, que tem projetos de co-produção internacional de vídeos, e da Gallery's Scan, de Tóquio, conhecida difusora de vídeoarte.

## Atrativo

O grande atrativo do festival, segundo sua diretora, é concentrar vídeos que não se vê em nenhum outro evento no Hemisfério Norte. Dos 195 vídeos de nove países do Sul, 32 foram selecionados pela assessoria de programação da Fotóptica para a mostra competitiva, levando em conta inovação de linguagem e qualidade técnica. Vão dar uma ideia do que se faz hoje em vídeo no Brasil (17 escolhidos), Austrália (4), Argentina (5), Moçambique (2), Uruguai (2) e Chile (2). A própria Solange Oliveira, que admitiu desconhecer o valor da produção dos vizinhos sul-americanos, ficou impressionada: "O público vai ter boas surpresas".

Para julgar esses vídeos, vêm ao Brasil Jean-Marie Dubard, diretor de criação do Canal Plus e um dos fundadores da Ex-Nihilo; Carlos Trilnick, diretor de vídeo do Instituto de Cooperação Ibero-Americano de Buenos Aires; Augusta Gonzaga, um dos sócios da produtora chilena Teanake, referência entre os pioneiros da produção indepen-



Na foto - Whett Wrong?, do israelense Abraham Hoffman, um dos vídeos na mostra competitiva.

dente na América Latina; e Jill Scott, vídeo-artista e diretora do principal festival realizado na Austrália. Para representar o Brasil no júri foi convidado o professor Arlindo Machado (E-CA-USP), autor de vários livros sobre vídeo e respeitado como um dos importantes teóricos do assunto no País.

Na mostra informativa, Solange garante outras surpresas vindas de Israel, Alemanha, Espanha, Bélgica, Holanda, URSS, França, Inglaterra, EUA, Cuba, Polónia e Japão. Paralelamente, o festival ainda realizará conferências, workshops (apenas para profissionais do vídeo e que falem inglês) e quatro vídeo-instalações, uma delas de Domnik Barbier, considerado o Nam June Paik da França.

A Fotóptica, desta vez, patrocina sozinho o evento. A Secretaria de Estado da Cultura continua ordenando o MIS. "Mas seria impossível realizar o festival se não contássemos com vários padrinhos no Exterior", lembra Solange. O Ministério das Relações Exteriores da França está pagando algumas passagens e custeando a vídeo-instalação de Domnik Barbier, avaliada em quase metade do orçamento de todo o evento.

Para o público, uma boa novidade do festival será a videoteca. Quem perder alguma exibição pode pedir depois o vídeo e assisti-lo em monitores disponíveis. Mesmo os vídeos não classificados para a mostra competitiva. A programação no MIS irá das 10h às 23h, com entrada franca.

## Ana Maria Cavalcanti



Imaginocênico, do brasileiro Mauro Giuliani, poderá ser visto na mostra competitiva no videoteca.

## Entre feras do mundo, o Hans Donner dos japoneses.

O Fotóptica Video Festival terá cinco workshops em três áreas específicas: vídeo-arte e tecnologia, televisão e produção independente, criação e mercado alternativo. São exclusivos para profissionais. O videomaker Ricardo Nasenber, ex-diretor do Departamento de Multimídia da Rede Globo, e hoje contratado da produtora Frase, que faz o programa de Rita Lee para a MTV e começa a gravar o de Juba & Lula para a Manchete, está especialmente interessado no workshop do artista japonês Yoshiro Kawaguchi. Idem o pessoal da empresa de computação gráfica da Vektor Zero e Marcelo Tas, que inventou o famoso repórter Ernesto Varela.

Kawaguchi é considerado um gênio no que se chama hoje de imagens, de síntese (vídeotas, computação gráfica). Seu trabalho com os brasileiros será mais prático do que expositivo. "Por isso fizemos um acordo com a Frase, que possui um dos mais modernos equipamentos de pós-produção e computação gráfica do País", diz Solange Oliveira. O curso será realizado num fim de semana, apenas para 15 pessoas, na produtora.

O inglês Tim Morrison, integrante do Gonilla's Tapes, vai falar sobre o scratch video. Trata-se de uma linguagem desenvolvida pela própria produtora independente para assuntos jornalísticos: tudo é super-rápido e com bastante humor. Os clipe são veiculados pelo

Channel Four e não poupam a dama de ferro Margaret Thatcher de críticas bem mordazes. Como os demais, este workshop será no MIS.

Rob Rombout, da Bélgica, tem como assunto a televisão e a produção independente. Ele já fez vídeos que coloco um dificuldades na ZDF da Alemanha, na RTBF da Bélgica e no Canal Plus, da França.

Domnik Barbier, artista da vídeo-instalação, falará sobre seu processo criativo. Domnik é o inventor do que os franceses estão chamando de vídeo-opera, instalações para grandes espaços, com cenário em geral bem complicado. The so way buster, que ficou meses em cartaz no La Vilette, de Paris, é a instalação que será reproduzida no MIS. Para montá-la, o galpo atrás do Museu está em reforma. O artista imaginou três espaços diferentes, através dos quais o público vai subindo e tendo surpresas, como ver da altura de oito metros uma paisagem marítima, pontuada pelas imagens de três vídeos pendurados por correntes.

O único brasileiro escolhido para dar workshop foi Marcelo Tas. "Nós o convidamos principalmente para ele contar como funcionam as reportagens de seu personagem Ernesto Varela", explica Solange. A ideia é que os estrangeiros possam ver aqui um trabalho computativo com o dele.

## Videoarte na guerra e entre comunidades

Entre os conferencistas do Fotóptica Video Festival, Eli Schwadron vai contar como é a televisão e produção de vídeos em Israel. Poderá satisfazer a curiosidade de como se faz vídeo-arte num meio de realidade tão insólita e sempre ameaçado por guerras. Schwadron pertence à Academia de Artes de Israel e, a convite de Solange Oliveira, foi uma espécie de curador dos vídeos que representarão seu país no festival. Entre os vídeos, um dos mais recentes narra sobre a atual crise do Golfo Pérsico, incluindo entrevistas com palestinos.

Em matéria de TV comunitária, o festival vai mostrar pelos menos dois exemplos: o da Van Gogh TV, de Hamburgo (Alemanha), e o da TV Viva, de

Olinda (Pernambuco). Da TV Viva, por sinal, o ator Claudio Ferrario tem dois vídeos concorrendo na mostra competitiva: O Pacote da Cruzella e A Sangue Frio. Os alemães também possuem um caminho parecido com o da TV Viva. Fazem sarcásticas reportagens de rua, repercutindo decisões do governo que afetam o cidadão comum, e depois transmitem em praça pública. A diferença é que já conseguem chegar também para o público do sofá, através de várias emissoras da Europa.

Quanto às vídeo-instalações, além da imaginada por Domnik Barbier, no MIS se poderá ver a do alemão Marcel Odenbach e a dos brasileiras Sandra Kogut (Rio) e Tadeu Jungle (SP).

## Videoarte contra a televisão comercial. Ganhando espaço.

Criar um mercado de vídeo alternativo e redes de intercâmbio cultural que veiculem apenas filmes experimentais e rompan com a linguagem tradicional da TV comercial. Essas metas podem até ser um sonho em países do Terceiro Mundo, mas já existem na prática no primeiro, onde muitos museus e fundações possuem departamentos de vídeoarte e promovem, com frequência, mostras e exposições. É esse o tema da conferência "Criação e Mercado Alternativo", que será realizada amanhã, às 10h, no Museu da Imagem e do Som (MIS, av. Europa, 158), como parte da programação do 8º Festival Fotográfico de Vídeo. Entre os participantes estará a norte-americana Kathy Rae Huffman, curadora e produtora do Fundo CAT — Contemporary Art Television Fund —, uma associação entre o Institute of Contemporary Art e a WGBH, a estação de TV pública de Boston.

Além de participar desse debate — ao lado de Benjamin

Heidersberger, da Van Gogh TV, da Alemanha; de Carlos Trínick, do Instituto Cooperacion Ibero-Americana, da Argentina; El Shvadron, da Bazel Academy of Arts, de Israel; Fujiko Nakaya, da Video Gallery Scan, do Japão; Pierre Bongiovanni, do Centre International de Création Vidéo, da França; Tim Morrison, da Gorilla Tapes, da Inglaterra, e dos realizadores brasileiros Eder Santos, Marcello Dantas e Paulo Roberto Abrantes, da Iser Video —, Kathy Huffman trouxe 12 vídeos e uma instalação para serem exibidos no Festival Fotográfico.

Desde 1983, quando foi criado, o Fundo CAT produziu 17 vídeos, videodiscos, uma instalação teatral multimídia em colaboração com a TVAM da Espanha e com o Ministério da Cultura da França, e estão em andamento um desenho animado do coreógrafo Poch Kaye e um videodisco interativo. Das centenas de projetos que lhe são apresentados, Kathy seleciona

Foto: Francisco M.



Kathy Huffman, mostrando no Festival Fotográfico a produção americana que se tornou independente.

um ou dois por ano para financiar. Trabalha com uma verba que varia de US\$ 50 mil a US\$ 250 mil ao ano, 20% dos quais obtidos com a venda de programas. O restante vem dos próprios fundos do ICA, conseguidos em instituições estaduais, federais e empresas privadas.

Apesar de reconhecer que é difícil a seleção dos trabalhos que serão patrocinados, na opinião de Kathy poucos foram os vídeos de cunho artístico interessante produzidos até hoje no mundo. Entre eles estaria *The Watch Detail*, um videodisco-

instalação interativo — quem assiste pode mudar a ordem das imagens —, produzido por Bill Seaman. Com ele, o espectador navega na mudança do tempo na arquitetura, nas árvores, pedras, jardins, aeroporto, mostradores de tempo e pessoas. Este vídeo, no entanto, ela não trouxe ao Brasil. Entre os mais interessantes que vieram na sua bagagem estão *What You Mean We?*, da performática Laurie Anderson, e *Easy Living*, de Chip Lord e Mickey McGowan, que mostra o lazer nos subúrbios norte-americanos.

O que Kathy pretende discutir amanhã é como usar a tecnologia da TV para expressar idéias novas. "Os artistas sempre tiveram atração e repulsa pela televisão, mais ou menos uma relação de amor e ódio", avalia, dizendo-se interessada em artistas dispostos a analisar a relação das TVs com a sociedade e subverter a linguagem tradicional. "No futuro, poderemos organizar novos tipos de redes de TV e novas maneiras de fazê-la". Um primeiro passo seriam os muitos festivais de vídeo que vão se espalhando pelo

mundo. Nos EUA, entre os mais importantes estariam o festival nacional do American Film Institute, recém-encerrado em Los Angeles, os festivais regionais de Atlanta e o Video Documentário de Nova York, além da feira itinerante Sig-Graph de videocomputação, que reúne fabricantes de equipamentos e produtores de vídeo.

Os festivais regionais, diz Kathy, são uma verdadeira epidemia nos EUA, com cada cidade promovendo temas específicos. Em agosto passado, por exemplo, aconteceu o Sexto Festival Anual Internacional de Filmes e Vídeos Gays e Lésbicos. "A audiência foi tão grande que muitas pessoas não conseguiam entrar nas salas de exibição. Por isso, no próximo ano esse festival irá se expandir", informa Kathy. A TV comercial nos EUA também estaria se rendendo a essa produção. A ABC tem hoje um programa nacional chamado *Nisettes*, com nove minutos só de produções de videomakers independentes.